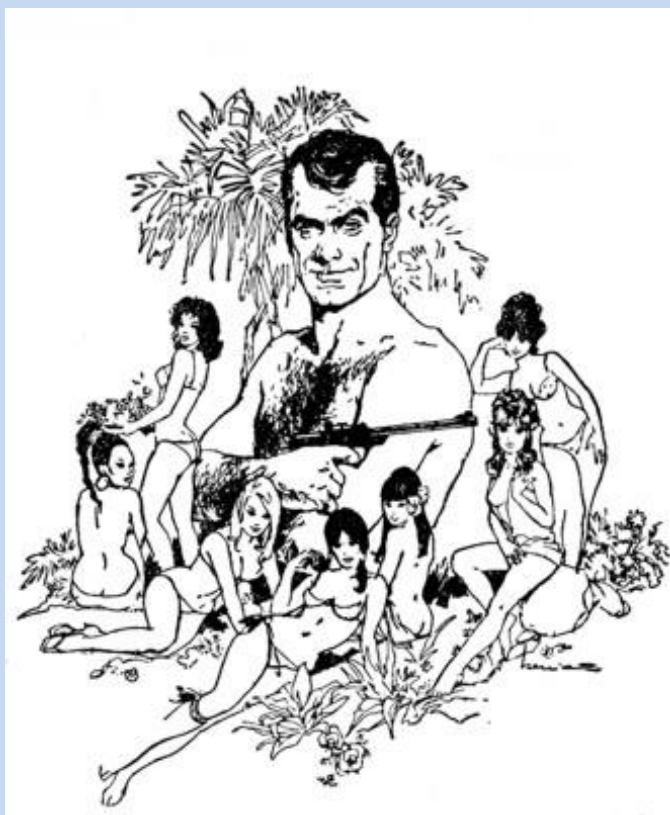


K.O.
DURBAN

26

CONTRA OS VAMPIROS DE ANGOLA 2





O único defeito do nosso herói é viver na solidão

*Uma guerrilha armada num país da África Central,
desencadeada pela fome capitalista do petróleo.*

(C) 1968 – HÉLIO DO SOVERAL
Editora Monterrey
Todos os direitos reservados
JVS - 391114 / 391126

PARTE 2

MEMÓRIA

Estoura uma revolução na província do Sunda e este distrito (ao norte de Angola) separa-se do resto da colônia portuguesa da África. Com a fronteira fechada pelos altos formigueiros das formigas *salalés* (que não deixam passar o Exército Expedicionário Português) os revolucionários elegem o Major João Natanga seu Presidente e nacionalizam os poços de petróleo de Lochas do norte e Tchibungo. A Companhia de Petróleo era financiada por duas empresas — a APERTA, de capital inglês, americano e holandês — e a SANGRA, de propriedade do banqueiro lisboeta Moisés Alves Beça. Ao mesmo tempo, os revolucionários instalam o Palácio do Governo entre as duas torres petrolíferas da capital de Lochas, a fim de que os portugueses não o bombardeiem, para não destruírem as instalações técnicas.

Nessa altura, surge no Sunda um bando de pigmeus do Congo, que se revelam vampiros e começam a chupar o sangue dos mercenários brancos, defensores do Major Natanga. Este apela para Nocaute Durban, oferecendo-lhe 200 mil libras esterlinas para que ele vá a Angola acabar com os vampiros. Como o major é tio de sua noiva M'bata, nosso herói aceita a incumbência e parte para a África, em companhia da noiva e de uma inglesinha (Sandra Deutch-Brown) secretária do doutor Alves Beça.

O enviado do Presidente Natanga a Aloana morre, vitimado por um escorpião que havia na sua valise. Durban chega a Lochas e também encontra o Presidente assassinado, com marcas de dentes no pescoço.

O Vice-Presidente, empossado no cargo de supremo dignitário da Nação, assina um novo contrato, concedendo a exploração do petróleo à SANGRA (por intermédio da secretária do banqueiro lisboeta) e ordena a Durban que saia do território nacional, mesmo sem ter descoberto o assassino do major. Durban (que já embolsara as 200 mil libras deixadas pelo morto) recusa-se a abandonar as investigações. Os portugueses tinham infiltrado um espião no Sunda e Durban queria descobrir a sua identidade, bem como a identidade de um misterioso “Patrão”, autor de bilhetes anônimos que o tornam responsável pela revolução separatista, pela morte do Presidente Natanga e pela aparição dos vampiros em Angola.

Depois de uma aventura entre os pigmeus, nosso herói recebe, no hotel onde está hospedado, a visita do Capitão Banguela, que o acusa de ter mortado a viúva do Presidente Natanga, senhora Cauína Caçula. Na verdade, Durban emprestara à crioula o revólver *Smith-and-Wesson 38, Special Centennial Airweigh*, com que ela fora fuzilada.

UM DESASTRE DE HELICÓPTERO

O Capitão Banguela apenas permitiu que eu me vestisse, para não escandalizar as senhoras de Lochas; depois, fui separado violentamente de M'bata e levado para fora do hotel. Minha *Magnum* ficou no coldre, pendurado na cabeceira da cama. À saída, ainda pus os óculos-rádio e fiz um sinal de inteligência para minha noiva, mas a garota estava chorando tanto que não devia ter entendido. De qualquer maneira, mais tarde ela haveria de se lembrar dos óculos.

Na rua, o sol parecia uma brasa. Cercado pelos soldados, marchei para o quartel, ao longo da calçada apinhada de curiosos.

— Antes do fuzilamento — disse o Capitão Banguela, que marchava ao meu lado — iremos ao Palácio, falar com o Presidente. Sua Excelência quer interrogá-lo pessoalmente. Ninguém compreende por que o senhor fez aquilo com a viuvinha e o garoto!

— Não fiz nada — insisti com voz austera. — Sou inocente! Mas, quando vocês se arrependerem, talvez seja tarde demais!

E, disfarçadamente, meti os dedos nos bolsinhos do colete-arsenal, para separar os objetos que me seriam úteis naquelas circunstâncias. O isqueiro lança-chamas, infelizmente, tinha a carga esgotada.

— A senhora Canina era bonita, não nego — volveu o capitão, meneando a cabeça — mas o moleque... enfim... O senhor não tinha necessidade de matá-los, para fazer aquilo! O que não falta, na África, são negrinhas caridosas, prontas a satisfazer os desejos dos amigos... O senhor não devia

matar os outros, para saciar seus instintos! Eu, por exemplo, não mato nunca; apenas aleijo!

Ai, perdi a paciência e mandei-o para aquele lugar. Ofendido, o crioulo deixou de falar comigo. Chegamos ao Palácio, no bairro de Petrolina, e fui levado ao gabinete do Presidente, onde encontrei a trinca reunida. O Tenente-Coronel Caxumbela fumava mais nervosamente do que uma locomotiva.

— Lamento muito, *senhor* Keith Durban — disse o Presidente Cazumbuca. — Quando me disseram, não quis acreditar! O senhor se revelou um sátiro da pior espécie, mais selvagem do que os vampiros do Congo! A morte é um castigo muito brando para um crime desta natureza! Por que sacrificou a senhora Cauína, senhor Keith Durban?

Discretamente, o Capitão Banguela fechou a porta do escritório, ficando do lado de fora. Os outros soldados também ficaram no corredor.

— Não sacrifiquei ninguém — rosnei, irritado. — O senhor bem sabe que isto é um complô para me neutralizar! Mataram a viúva do Presidente, com a arma que lhe dei, apenas para me comprometer! Os senhores estão com medo de mim!

Os três crioulos se entreolharam.

— O senhor nega a evidência? — perguntou o Tenente-Coronel Caxumbela. — A senhora Cauína estava sob vigilância da polícia, nas ninguém viu o senhor lhe dar aquele revólver! E o senhor não tem um bom álibi para esta noite! Por que não conta a verdade, senhor Durban? O senhor seguiu a pobre mulher e liquidou-a no meio do mato, para que ela não falasse!

— Sim, mataram-na para que ela não falasse! Mas não fui eu o assassino. Alias, ela já falou.

— Já falou? — sobressaltou-se o Primeiro-Ministro. — O que foi que ela falou?

— Disse-me o nome do espião português que se infiltrou no Governo do Sunda!

A declaração foi como uma bomba. Os três figurões estremeceram. Depois, o Presidente gaguejou:

— O senhor sabe quem é o Alferes Henrique Costa de Sousa?

— Sei — afirmei, impiedosamente. — E também sei como é que ele se mantém em contato, pelo rádio, com as forças militares portuguesas que cercam o Sunda! Sei de tudo, excelência!

Houve uma pausa. O silêncio era tão grande que se poderia ouvir o suspiro de um mosquito.

— O senhor está blefando — disse o Tenente-Coronel Caxumbela. — Mas, se conhece o nome do espião, deve dizê-lo agora, antes de ser executado de acordo com a lei! Na sua opinião, quem é o traidor?

— Prefiro levar o meu segredo para o túmulo. Isto é: só se eu for fuzilado é que o nome do espião será tornado público. Já providenciei para que fosse assim.

— Está blefando! — rugiu o Primeiro-Ministro. — Não sabe nada! Dê-nos, ao menos, uma pista.

— O espião português — disse eu, marcando as sílabas — é um alto funcionário do Governo e encontra-se neste momento na minha frente! Ele usa um aparelho de rádio portátil, através do qual se comunica com um posto central. A qualquer momento pode enviar uma mensagem, sem que seus interlocutores percebam; basta usar o Alfabeto Morse.

Os três crioulos voltaram a encarar-se, apreensivos.

— É só isso o que sabe? — perguntou o Presidente, com voz tensa.

— Não — respondi. — Também sei quem foi que matou o Presidente Natan, entrando e saindo pela janela deste gabinete. Há uma prova que aponta claramente para o culpado. Essa prova encontra-se em lugar seguro e só será revelada no caso de minha morte. Se eu escapar desta, evitarei que o assassino seja entregue à execração publica.

Dessa vez, eu estava blefando; ainda não conseguira me lembrar do detalhe que inocentava dois dos três dirigentes políticos e comprometia o terceiro. Mas a declaração também surtiu efeito.

— Senhor Keith Durban — disse o Presidente com voz rouca — estamos dispostos a envidar todos os esforços no sentido de evitar um escândalo que comprometa a alta cúpula do Governo. Pode ser que o senhor tenha razão, ou pode ser que esteja mentindo para salvar a pele. Sabemos que o senhor matou a senhora Cauína e o moleque, mas talvez seja melhor abafarmos o caso, por medida de segurança nacional. Estou disposto a assinar o seu indulto, senhor Keith Durban. Ou melhor: está suspensa a execução!

— Obrigado, Presidente.

Mas o senhor terá que sair imediatamente do Sunda e nunca mais voltar! Não queremos mais negócios com espiões atrevidos como o senhor! A senhorita Sandra Deutch-Brown deve embarcar, esta tarde, no helicóptero de Fernando Tabí; o senhor e sua noiva seguirão no mesmo aparelho, ao mesmo tempo! Compreende o que quero dizer?

— Compreendo, excelência. Não sou mais *persana grata*, em Lochas...

— Não, não é! O senhor é um perigo, senhor Keith Durban! Leve as duzentas mil libras e faça bom proveito delas! Os mercenários se encarregarão de liquidar os vampiros, antes de serem liquidados pela nossa Milícia Popular. Abre-se, para o Sunda, a partir deste momento histórico, um novo horizonte de paz e prosperidade! Deixem-nos em paz, senhor Keith Durban!

— Deixe-nos em paz! — ecoou o Primeiro-Ministro. — Sua sentença de morte fica sem efeito. Mas vá-se embora daqui!

— Só mais uma pergunta — disse eu, encarando o Tenente-Coronel Caxumbela. — O helicóptero de Fernando Tahi foi requisitado pelo Exército Revolucionário, não foi?

— Sem dúvida — respondeu o chefe do Estado-Maior, desconfiado, mastigando o cigarro que se apagara. — Todos os veículos motorizados estão a serviço das Forças Armadas. Onde quer chegar?

— Quero chegar ao verdadeiro assassino da senhora Cauína Caçula, coronel! Agora, também já sei quem é ele!

E sabia, mesmo. Ou, pelo menos, tinha a impressão de que sabia.

— Vá-se embora — rosnou o oficial. — Vá-se embora, caluniador! Foi o senhor quem matou a mulher e o garoto! Vá-se embora, antes que eu perca a cabeça!

Cumprimentei os três homens com um aceno e dirigi-me para a porta. Mas o Presidente ainda me fez parar. Sua voz continuava rouca:

— Fernando Tahí partirá, no helicóptero, as duas horas da tarde. Prepare as suas malas, senhor Keith Durban, a senhorita Deutch-Brown já está pronta para o embarque. Às

duas e meia, se o senhor for visto em território sundaense, será fuzilado como um cão! É só!

— É só! — ecoou o Primeiro-Ministro, visivelmente abatido.

— Só! — completou o Tenente-Coronel, cuspendo fora do cigarro.

Então, saí definitivamente do gabinete. À porta, o Capitão Banguela tentou colocar-me outra vez entre os soldados do seu pelotão.

— Não — disse eu, sorrindo. — Estou livre. Pergunte aos seus patrões. Estou livre até as duas horas.

O capitão conferenciou rapidamente com os Três Grandes e fez-me continência, pedindo-me gentilmente que fosse para o diabo que me carregasse. Também fiz continência e sai do Palácio, com passo firme e a cabeça bem levantada. Atravessei pela frente do primeiro *derrick* e fui me encostar à armação de ferro cor de laranja do segundo. Minhas pernas tremiam. Apesar de todo o meu sangue-frio, não pude evitar essa reação estúpida, depois de ter escapado da morte no paredão. Alguns minutos depois, recuperei-me e liguei o rádio, para dar a boa nova a M'bata. Mas não foi a voz de minha noiva que veio ao meu ouvido; foi uma voz roufenha, disfarçada, falando em português:

— Alô, alô, posto central da F.E.P.! Aqui é Maria da Fonte! O espião Nocaute Durban conhece a minha identidade! E um perigo! Derrubem o helicóptero de Fernando Tahí logo que cruzar a fronteira, sobre a *Linha Salalé!* Vou repetir: derrubem aquele helicóptero!

Sem querer, eu interceptara uma das emissões clandestinas do Alferes Henrique Costa de Sousa! E suas palavras vinham provar que eu estava na pista certa. Sim, eu

já sabia quem era ele! Mas o espião português não podia ser o assassino do Presidente Natanga. Era isso o que me desnorteava. Havia culpados demais.

Não se repetiu a emissão de “Maria da Fonte”, dirigida ao QG das tropas portuguesas acampadas na fronteira; sintonizei o pequeno receptor, mas também não consegui comunicação com M’bata; minha noiva devia estar sem óculos. Apressei os passos, rumo ao Hotel Central. Cada vez estava mais preocupado. Teriam eles feito alguma traição ao meu amor? Se assim fosse, minha vingança seria terrível! E, em vez de liquidar apenas os vampiros, eu liquidaria todo o Governo do Sunda!

Felizmente, não havia novidades no hotel. Encontrei M’bata e Sandy discutindo, no refeitório; gritavam tanto que abafavam a música do rádio.

— Meninas! Que é isso? Eu não mereço tanto!

A surpresa de M’bata, ao ver-me voltar são e salvo, foi tão grande que a linda crioula perdeu a voz. Depois, as duas garotas sorriam para mim. O sorriso de Sandy era, inegavelmente, mais bonito do que o de minha noiva, mas nenhuma outra mulher tem o calor e os encantos secretos de M’bata Kaolack! Abracei as duas garotas e contei-lhes o que acontecera no palácio. Eu estava livre até as duas horas.

— Quer dizer que você embarca comigo? — perguntou Sandy, feliz. — Isso é ótimo! Quero lhe mostrar meu apartamento, em Lisboa! Foi o doutor Alves Beça quem escolheu a decoração. Ele é muito gentil, mas... O doutor Beça não é apenas paralítico das pernas; também não possui o uso do resto do corpo, da cintura para baixo, de maneira que...

— Não precisa dizer — atalhei, pesaroso. — Não precisa dizer!

— Ninguém vai conhecer o seu apartamento! — interpôs-se M'bata. — Eu e meu noivo seguiremos diretos para Aloana! Não é verdade, meu *soba*?

E ergueu discretamente a mão direita. Encolhi o rosto e respondi que, realmente, não tinha a menor vontade de conhecer a residência da senhorita Sandy. Contudo, passaria por Lisboa, para cumprimentar o doutor Beça e dar-lhe os parabéns pela sua vitória no caso do petróleo.

— O helicóptero parte às duas horas? — perguntei.

— Em ponto — respondeu a lourinha. — Temos muito tempo para almoçar. Fernando Tahí passou a noite em Tchibungo, a serviço do Governo. Informei-me disso no Palácio. Mas, agora, já está de volta,.

— Suponho que o Capitão Banguela também tenha ido a Tchibungo, não? — volvi, com ar de pouco caso.

Sandy arregalou os lindos olhos azuis.

— Como foi que você soube?

— Imaginei. Tchibungo fica a leste de Lochas. Creio que seu amigo Tahi me deve uma explicação. Conversarei com ele, a bordo do helicóptero.

Sandy não entendeu, mas mordeu o beijo inferior, apreensiva. Almoçamos e, depois, juntamos nossas malas, à espera de uma notícia do guia que nos levaria de volta para Uije. Fernando Tahí apareceu no hotel à uma e meia, vestido com muito mais elegância do que da última vez em que o vira; tinha, até, cortado os cabelos.

— Prontos? — perguntou ele, sorrindo. — Pousei o helicóptero numa praça do antigo bairro de Marechal

Carmona, hoje Negro Bamba. Viajaremos, outra vez, com a bandeira azul e branca.

— E não atravessaremos a fronteira em Culongo — acrescentei, encarando-o com firmeza.

— Ora essa! Por que não? É o caminho mais curto para Uije!

— É o caminho mais curto para o inferno! Os soldados portugueses têm ordens para derrubar o helicóptero!

O guia estremeceu.

— Como é que o senhor sabe?

— Basta lhe dizer que sei. Vamos? Atravessaremos a fronteira com o Congo, pelo norte, e daremos a volta por Cabinda, entrando de novo no Sunda. É mais seguro.

— O senhor é quem sabe — murmurou o piloto, preocupado. — Também podemos dar a volta por cima. Mas... não sabia que íamos voltar!

— Não se preocupe. Eu e minha noiva saltaremos de pára-quedas.

Num instante arranjamos carregadores, no hotel, que levaram nossa bagagem para o bairro de Negro Bamba. O helicóptero estava à nossa espera, com uma bandeira azul e branca desfraldada na cauda. Subimos as malas (por medida de segurança, passei as 200 mil libras para o bolso) e também procuramos lugar na cabina envidraçada. Imediatamente, Fernando Tahí ligou o rotor e manobrou a alavanca. Vagarosamente, o aparelho elevou-se no espaço.

— Só uma coisa me entristece — disse M'bata, quando já deixávamos para trás as últimas casas brancas de Lochas.

— Meu *soba* vai embora de Angola sem ter descoberto o homem que matou titio Natanga! E sem ter acabado com os vampiros! É a primeira vez que isso acontece! Quero dizer,

é a primeira vez que meu *soba* recebe dinheiro, mas não executa a sua missão...

— Você não entendeu — retruquei, com um sorriso mau. — Não vou embora, querida; vamos saltar, daqui a pouco, no meio de uma floresta qualquer. Quem lhe disse — continuei, com voz dura — que não vou terminar minha missão? Vocês julgavam, por acaso, que três políticos corruptos seriam capazes de afastar Nocaute Durban do cumprimento de seu dever? Agora é que eu vou começar a *minha* revolução!

E tirei a *Magnum 357* do coldre, sob o sovaco esquerdo. Sandy e M'bata recuaram (soltando dois gritinhos) para o fundo da cabina. Quanto a Fernando Tahí, cinzento de susto, não largava a alavanca de comando.

— Que vai fazer? — rouquejou, virando a cabeça.

— *Vou matá-lo!*

O piloto teve um estremecimento tão forte que o helicóptero cambaleou no ar. Mas não perdi o equilíbrio. Premeditadamente, encostei a pistola à testa do gigantesco crioulo. Seus olhos ficaram vinhos.

— Está brincando? — gemeu ele. — Que foi que eu lhe fiz, senhor Durban?

— Você fuzilou a senhora Cauína Caçula — respondi gravemente. — Você seguiu a pobre mulher, quando ela saiu de Lochas, e baixou o helicóptero no meio do caminho! O Capitão Banguela estava em sua companhia, quando vocês liquidaram a crioula com a arma que eu lhe dera para se defender!

— Não é verdade! — gritou o piloto. — Não fui eu! Foi o capitão quem deu os tiros na negra e no moleque! Eu

apenas cumpri ordens, levando o helicóptero para Tchibungo! Não fazia tenção de matar ninguém!

— Mentira! Você deve ter recebido ordens para matar! Tchibungo fica a leste de Lochas e a meio caminho da fronteira de Katanga. Foi isso o que me despertou as suspeitas. Confesse tudo, Fernando! Você é o mensageiro do Patrão!

— Não! Sou fiel ao Governo do Sunda! Eu...

— Você é um dos homens de confiança do Patrão! Foi você quem levou um bilhete do Patrão aos vampiros, no Alto Chingaqui, ordenando-lhes que libertassem a senhorita Sandy Brown! Só um helicóptero faria aquele serviço de entregas rápidas! Não ponha a mão no bolso — adverti, enfiando o dedo no gatilho. — *Dê-me esse papel!*

— Que papel? Não tenho papel nenhum! Eu...

Enfiei a mão no bolso direito de sua calça. Felizmente, não estava furado. Lá dentro encontrei apenas um pequeno bilhete, perfumado com essência de rosas. Sem deixar de apontar a arma para a cabeça do crioulo, baixei os olhos para o papel e li:

Liquide Cauína Caçula antes que ela fale.

O Patrão

A letra era redonda, floreada, igual à do bilhete queimado que eu reconstituíra no gabinete do Presidente. Havia um *clipe* preso ao papel.

— Onde está o dinheiro que acompanhava a nota? — perguntei.

— Vá para o inferno! — retrucou o piloto. — Você sabe demais!

Pulei em cima dele, para evitar que baixasse o helicóptero, e rolamos pelo chão. Desgovernado, o aparelho pôs-se a subir em linha reta. Fernando Tahí era forte como um touro e também conhecia caratê. Trocamos golpes ferozes, demolidores, espatifando o painel de instrumentos do helicóptero.

Cada soco errado era seguido por um tilintar de vidros.

— Por favor! — implorou M'bata. — *Parem com isso!* Vocês vão nos matar!

Sandy, mais calma, tinha tirado uma pistola da bolsa e aguardava o resultado do combate. Acertei um direto no nariz do piloto, que o atirou contra a alavanca de comando. O helicóptero deu uma cambalhota e começou a andar de lado. Agarrei-me ao pescoço de meu adversário e rolamos, juntos, para o fundo da cabina. Sandy abriu gentilmente a portinhola, mas nós não caímos. Então, a inglesinha tomou a fechar a porta.

— Sim — rugiu Fernando Tahí, esperneando — eu matei a mulher e o garoto, por ordem do Patrão! Recebi cinquenta libras pelo serviço. Mas fui ajudado pelo Capitão Banguela, por ordem do Presidente Cazumbuca. Suas investigações estavam incomodando o novo Governo, espião, e o Presidente queria fuzilar você ou expulsá-lo daqui. Mas eu apenas matei a negra; três soldados rebeldes é que fizeram aqueles estragos nas vítimas. Eu apenas atirei nelas, com o revólver que a mulher levava, para comprometer você! A idéia foi do Capitão Banguela!

— Por que o Patrão tinha medo que Cauína falasse? — perguntei, apertando-lhe o pescoço com as duas mãos. — Fale! *Responda!*

Ele apenas sacudiu a cabeça, com a língua de fora; estrangulado daquele jeito, não podia falar. Aliviei a pressão. As palavras saíram de sua garganta aos borbotões:

— Cauína tinha visto um documento secreto que o Patrão assinara com o Major Natanga e podia falar; foi por isso que morreu! Agora, largue-me, maldito! Estamos caindo!

— Só mais uma pergunta: *Quem é o Patrão?*

— Estamos caindo! Tenho que equilibrar o aparelho!

Era tarde. Ouvi um tiro e senti a bala bater nas costas do meu colete-arsenal; depois, ainda ouvi um grito de M'bata e outro de Sandy. E o helicóptero, desgovernado, precipitou-se sobre uma árvore da floresta. Perdi os sentidos, com o choque, e ingressei numa região etérea cheia de passarinhos chilreantes. Quando voltei à vida, senti a cabeça molhada. Seria sangue? Ou, pior ainda, seria uísque? Abri os olhos, apavorado. Eu estava deitado na grama e M'bata passava um pano, encharcado d'água, pela minha testa. Felizmente, a garrafinha de uísque continuava intacta no bolso do meu colete.

— Fomos cuspidos fora do helicóptero — disse a crioulinha. — Eu apenas arranhei uma perna e rasguei o vestido. O aparelho ficou pendurado ali em cima, naquela árvore, e o piloto morreu entre os destroços. Sandy também não deve ter escapado. Ela lhe deu um tiro nas costas, meu *soba*. Por quê?

— Sei lá — respondi, sentando-me na relva úmida. — Provavelmente, quis acertar o piloto e errou a pontaria. Não havia motivos para que quisesse me matar. Ou será que havia? Já agora, não entendo mais nada!

M'bata tinha ficado só de tanga e não parecia triste por isso. Ao longe, no meio da floresta, soavam tambores. Que estariam dizendo? Olhei para cima. O cadáver de Fernando Tahí estava entalado na cabina amarrotada do helicóptero, de cabeça para baixo, e o corpo de Sandy pendia de um galho (alto) da árvore. Eu ainda não me encontrava inteiramente refeito do choque e não tinha ânimo para resgatar nenhum dos corpos; limitei-me a suspirar, vendo as coxas da inglesinha brilharem contra o fundo verde da paisagem. Era uma pena que uma garota tão bonita tivesse um fim tão inglório! Mas, estaria realmente morta?

Pus-me de pé, apanhei a *Magnum* (que tinha caído na grama) e comecei a desenrolar uma cordinha de *nylon* que trazia num dos bolsos do colete. Os tambores tinham-se calado, depois de transmitirem sua mensagem. Já eram seis horas da tarde e o sol começava a declinar. Nisso, ouvi o ruído inconfundível de um automóvel, além das altas árvores entre as quais tínhamos caído. Saquei outra vez a *Magnum* e esperei. Podiam ser soldados fiéis ao novo Presidente e, portanto, meus inimigos.

Mas não eram. Súbito, apareceram entre as árvores algumas figuras barbudas, empunhando sub-metralhadoras Thompson. Os mercenários brancos do Presidente Natanga! Estávamos salvos!

— Alô, amigos! — saudei. — Vocês viram que desastre?

— Sim, amigo — respondeu um soldado louro, com uma verruga no nariz. — Vínhamos voltando do Alto Chingaqui quando vimos o helicóptero cair. Nunca pensei que houvesse sobreviventes!

— Eu sou duro na queda — respondi alegremente. — E minha noiva usa um “brevê” que lhe ofereceu o falecido Major Natanga. Vejam se podem fazer alguma coisa pelos outros.

E indiquei o alto da árvore. Imediatamente, os mercenários começaram a trabalhar, para descer o helicóptero e os cadáveres. Cinco minutos depois, um jipe parou pouco adiante e o Sargento Francisco Macundo veio, capengando, ao meu encontro.

— Alô, senhor Durban! Que desastre foi esse? O senhor estava indo para onde?

Contei-lhe os últimos acontecimentos e pedi-lhe que me revelasse as suas novidades. O mulato suspirou.

— Consegui encontrar meus homens, dando a volta à colina próxima de Mataíbebe. Reuni a turma toda e voltei à *banza*, para um revide.

— E...?

— Não conseguimos acabar com os vampiros! O mais que consegui foi levar um tiro na perna! Agora, íamos pedir reforços ao Presidente Cazumbuca. A batida, na aldeia de Mataíbebe, resultou apenas em alguns fuzilamentos sem importância. Não desencavamos o Soba Mabunda; ninguém descobriu onde é que ele se escondeu! Os outros crioulos, que escaparam da matança... inclusive o miserável que me deu o tiro... não sabiam de nada. E os pigmeus desapareceram tão completamente que foi como se a terra os tivesse engolido!

— Pois é — disse eu. — *A terra os engoliu!* Mas vamos ver se, agora, os vomita outra vez!

— O senhor quer voltar ao Alto Chingalui? — espantou-se o mulato.

— Claro. Só me sentirei um homem honesto, com duzentas mil libras no bolso, depois de acabar com os vampiros! Foi uma promessa que fiz!

Nesse momento, os outros mercenários acabaram de descer os corpos das árvores. Fernando Tahí estava quase sem cabeça e com o corpo horivelmente mutilado; quanto a Sandy, não parecia ter sofrido muito, mas, por outro lado, também não parecia respirar. Seu beicinho inferior estava espichado para fora, na eterna expressão de desprezo.

— Ambos mortos — anunciou um soldado espanhol, estalando a língua. — Que pecado! Esta lourinha ainda era muito nova para morrer! E que bonitas pernas, Madre de Dios!

A pasta preta da secretária do doutor Beça estava pendurada, no seu pulso, por uma corrente de prata fechada com cadeado; nem mesmo depois de morta a eficiente inglesinha se separava de seus preciosos documentos.

— Grande secretária! — admirou-se o sargento.

— Seu espírito é capaz de ir a Lisboa, levar os documentos do escritório! Era de uma secretária assim que eu precisava lá em casa!

Tirei uma gazua de um bolsinho do colete e abri o cadeado, apoderando-me da pasta; eu mesmo a levaria, oportunamente, ao doutor Beça. Mas, antes disso, era preciso acabar com os vampiros.

— A propósito — disse, então, o jovem Macundo. — Quando me encontrei com meus camaradas, um deles tinha acabado de chegar do bairro de General Delgado, em Lochas, e trazia um bilhete para mim. Talvez o senhor goste de lê-lo, senhor Durban. Com o bilhete, havia uma nota de mil libras, com que paguei os meus homens. Continuamos

unidos pelo mesmo ideal! “*Mungumba wunguriná ingota uondo biluka!*”

E tirou do bolso um papel, perfumado com essências de rosas. Dizia o seguinte:

*Proteja o Presidente Cazumbuca e liquide os vampiros.
O Patrão.*

EU, O VAMPIRO

Os corpos de Fernando Tahí e Sandy foram levados, num jipe, para Lochas, enquanto nós armávamos um acampamento na floresta, para ali passarmos a noite. M'bata choramingou um pouco, lamentando a morte de nossa companheira de viagem, mas eu permaneci impassível, duro como uma Tocha, para não delatar a profundidade dos laços que me uniam à falecida.

Quando o silencio desceu sobre nós, sacudi o braço do Sargento Macundo. Ele se deitara numa esteira, na mesma barraca em que eu e M'bata trocávamos carinhos.

— Diga-me uma coisa, rapaz. Você tem certeza de que nunca viu o Patrão?

O mulato bocejou.

— Se eu conhecesse o Patrão, senhor Durban, trataria diretamente com ele. Não, nunca o vi. Como lhe disse, o Patrão sempre utiliza dois ou três intermediários, para nos mandar os seus bilhetes. E muito difícil seguir a pista de um homem assim.

— Ele é muito esperto — admiti. — Mas, mais tarde ou mais cedo, também acabarei tirando-lhe a máscara! esse Patrão é o responsável por todas estas “fofocas”! Ele financiou a revolução do Major Natanga e, depois, mandou

matá-lo; ele armou você e seus mercenários e, depois, contratou os vampiros para chupar-lhes o sangue; ele protegeu os pigmeus e, depois, mandou liquidá-los; ele empossou o Presidente Cazumbuca e, depois, mandou fuzilar a senhora Cauína... Não há quem compreenda uma política dessas! Qual será o objetivo final do Patrão?

— Não sei disse o mulato, sonolento. — Para mim, ele é maluco. Seu objetivo é acabar com a humanidade!

Depois disso, ficamos calados, cada qual debatendo intimamente os seus problemas, sem conseguir esclarecer as dúvidas. Numa esteira próxima, um mercenário crioulo (chamado João Damba) ressonava cadenciadamente; esse não parecia se interessar pelo espetáculo proporcionado por M'bata, sugando o néctar de meus lábios. Por fim, o sargento adormeceu também.

— Onde é que você guardou as duzentas mil libras? — perguntou minha noiva, em voz baixa.

— Num bolso do colete — respondi, no mesmo tom. — Aliás, também é melhor esconder o contrato do doutor Alves Beça. Alguma coisa me diz que esses mercenários não são de confiança! Um bilhete do Patrão pode transformá-los em nossos inimigos!

Dito isto, tirei disfarçadamente o documento da pasta preta e entalei-o entre o colete e a pele. Depois dessa precaução, eu e M'bata adormecemos, vencidos pelo cansaço, e dormimos até de manhã.

O Sargento Macundo acordou antes de nós e reuniu os seus homens, pronto para a nova excursão ao Alto Chingaqui. Quando despertei (ainda nos braços quentes de minha noiva) já não havia nenhuma barraca por cima de

nós. Esfreguei os olhos, enquanto M'bata tapava pudicamente os seios nus.

— Que horas são, sargento?

— Nove e meia, senhor Durban. Estamos prontos para a luta. Mas o senhor acha que vai encontrar, mesmo, os vampiros?

— Não custa experimentar.

— Custa, sim! Custa mais do que parece! Daqui a Mataíbebe são trezentas léguas de viagem, pelo meio do mato! O que vale é que temos veículos motorizados, próprios para enfrentar qualquer tipo de estrada.

— Quantos homens somos? — insisti.

— Trinta e dois. A metade do meu batalhão original. Já perdemos quarenta homens nas escaramuças com os pigmeus!

Pus-me de pé, agarrando numa submetralhadora.

— Vamos embora! Vale a pena acabar com esses negrinhos, ainda que percamos todos os homens! O futuro do Sunda que interessa! Uma terra dominada pelo medo não é digna de manter sua independência!

— Tem razão — disse o rapaz, os olhos brilhando de entusiasmo. — Vamos libertar Angola dos vampiros e dos falsos nacionalistas! Nada de concessões para a exploração das riquezas locais! Um dia, Angola há de pertencer aos verdadeiros angolanos!

Foi assim, impulsionados por uma causa nobre, que iniciamos a marcha pelo sertão, rumo ao Alto Chingaqui. Nossos veículos eram os mesmos de antes (dois caminhões, quatro jipes e meia dúzia de jipes) embora o elemento humano fosse mais escasso; agora, havia espaço bastante nos carros e nenhum soldado tinha necessidade de viajar

sentado no colo de um companheiro. A excursão, por isso, já não oferecia tanto perigo.

Depois do almoço (comido em trânsito) atingimos uma ponte, sobre um rio de águas barrentas.

Nossos sapadores (que iam à vanguarda) avisaram que o caminho não estava minado. Ao atravessarmos a ponte, o Sargento Macundo sorriu para M'bata.

— Gostei dos seus óculos, patrícia. São iguais aos de senhor Durban. Sabe? asse tipo de óculos dá-me o que pensar...

— Não quebre a cabeça — disse eu, sorrindo.

— São emissores e receptores de rádio. Assim, eu e minha noiva estamos sempre em comunicação um com o outro. Isto pode evitar muitas surpresas desagradáveis.

— Interessante. Gostaria de ter um aparelho assim, no meu batalhão. O que nos falta é um sistema de *walkie-talkie*.

— Você me deu uma idéia, sargento. Apanhe os óculos de M'bata. Durante o combate aos vampiros, ficaremos em contato pelo rádio. Os óculos serão mais úteis com você do que com minha noiva, pois ela não vai sair de perto de mim. Estou, até, arrependido de não tê-la mandado de volta para Lochas, com o corpo de Sandy!

— Está doido, meu *soba*?! — exclamou M'bata.

— Nem eu nem você podemos voltar para Lochas! Se eles nos pegam na cidade, seremos condenados à morte! Lembre-se de que, agora, não somos mais *personas gratas* no Sunda!

Era verdade. Depois de ter concluído minha missão (acabando com os vampiros e desmascarando o assassino

do Major Natanga) eu devia escapar dali, antes que o novo Governo me pusesse outra vez as mãos em cima.

— Atenção! — gritou um mercenário, na vanguarda da caravana. — A colina já está à vista! Do Outro lado fica Mataíbebe! Que fazemos?

Eram seis e meia da tarde e as primeiras sombras do crepúsculo desciam sobre a floresta. Olhei pensativamente para a colina de pedra, cuja silhueta (nua) se desenhava contra o céu acinzentado. O Sargento Macundo também tinha os olhos apertados pela suspeita.

— Os vampiros estão *dentro* da montanha — revelei, com a segurança de um arqueólogo. — Deve haver muitas cavernas, no interior dessa colina, interligadas umas com as outras, como um gigantesco formigueiro. As entradas das grutas foram tapadas com pedras, que giram como portas. Já vi isso no cinema., e os pigmeus, provavelmente, também assistiram ao filme. Há cinema no interior do Congo?

O sargento concordou gravemente. Depois:

— Assuma o comando da tropa, Capitão Durban. Eu não saberia desencavar os vampiros.

Estreitei os olhos, desconfiado.

— Então, você sabe que eu sou capitão?

— Quem não sabe? Foi na qualidade de capitão de infantaria ligeira que o senhor acabou com os terroristas do Chipre. Suas façanhas foram publicadas em todos os jornais. Assuma o comando, capitão, e me dê as suas ordens pelo rádio dos óculos!

Trocamos continência (fitando-nos severamente através dos óculos) e passei a dirigir a operação. Desembarquei a tropa no sopé da colina, do lado oposto à *banza* de Mataíbebe, e separei o contingente em dois grupos. O

Sargento Macundo ficou encarregado do pelotão (composto de quinze homens) que avançaria pela direita; eu me encarreguei do segundo pelotão (com igual número de soldados) que subiria pela esquerda.

Depois de separados o dois grupos, passei a dar ordens com o rádio ligado, para que o sargento partilhasse das diligências. Ordenei que cinco voluntários de cad pelotão subissem na frente, à procura de interstícios suspeitos nas pedras; o resto dos grupos se guina atrás, pronto para a ofensiva. M'bata ficou em segurança, num dos caminhões, sob a guarda de dois mercenários escolhidos a dedo — dois mancebos louros e perfumados, cheios de ademanes suspeitos, que não me pareceram representar perigo para a virtude de minha noiva. Era preciso não esquecer que ela usava apenas tanga...

Iniciamos a escalada da colina pela direita esquerda, às nove horas da noite, depois de jantarmos no acampamento. Uma hora depois, os dez sapadores tinham atingido metade da subida que levava ao cume do enorme cone de pedra. Tudo ao nosso redor, estava imerso no silêncio; não se ouvia sequer o pio de uma coruja. Foi, então, que começaram a surgir os primeiros buracos nas pedras.

Industriados por mim, os quinze soldados do me pelotão tentaram deslocar as rochas cinzentas, mas não conseguiram. Os mercenários do pelotão do sargento não foram mais felizes. Mas eu continuava convicto de que havia entradas secretas para as cavernas da montanha. Afinal, encontramos uma fenda mais larga, por onde se evolava um pouco de fumaça. Cheirei o ar e reconheci o odor acre da *liamba*, espécie de maconha fumada nos *mutopas*.

— Vamos entrar por aqui! — ordenei. — É o “fumoir” dos vampiros! Todos com as armas nas mãos! Abriremos caminho a ferro e fogo!

Em seguida, tirei duas ampolas de ácido sulfúrico de um bolsinho do colete e joguei-as pelo orifício, ouvindo-as quebrarem-se lá dentro. O cheiro da *liamba* foi substituído pelo fedor do ácido. Minutos depois, uma grande pedra girou nos gonzos e revelou uma das entradas da caverna. Dois pigmeus saíram pela abertura, estonteados, os dedos no nariz, acusando-se mutuamente.

— Atacar! — gritei, disparando a submetralhadoras sobre eles.

Os crioulinhos caíram como folhas secas. E começou o assalto. Meus quinze soldados esgueiraram-se pela entrada da gruta, disparando as armas. O bodum do ácido sulfúrico não os incomodava, acostumados como estavam a passar semanas e semanas sem tomar banho.

Havia apenas mais três pigmeus naquela seção da caverna, os quais foram fuzilados com os cachimbos na boca, antes de esboçarem qualquer reação.

O silêncio voltou. Examinei a gruta e verifiquei que possuía cinco estreitos corredores, comunicando com outras tantas cavernas subterrâneas. Não era seguro dividir os mercenários em grupos de três homens, pois poderiam ser massacrados por um número maior de pigmeus; comuniquei ao Sargento Macundo minha resolução e entrei, com todos os homens, pelo corredor que me pareceu mais usado, onde as pedras estavam mais gastas pelo atrito. Contudo, depois de perdermos duas horas engatinhando pela escuridão, voltamos ao ponto de partida, sem ter encontrado nenhum adversário. Aquela série de grutas e corredores era um

verdadeiro labirinto. Tentamos o segundo corredor, com o mesmo resultado negativo. Nada de vampiros. Finalmente, tivemos mais sorte na terceira tentativa; fomos dar a uma caverna larga, onde havia um altar dedicado à Deusa Chuga-Chuga, padroeira dos canibais. Mais ainda não encontramos nenhum pigmeu. No meu ouvido, o rádio deu um sinal. Sintonizei-o na faixa conveniente e ouvi a voz do sargento, distorcida pelo *fading*.

— Alô, alô, capitão! Continuamos aqui fora, à espera de ordens! Nenhuma passagem nas pedras. Mas está saindo fumaça por um burquinho. Que fazemos?

— Qual é a sua localização exata? — perguntei, invertendo a onda.

— Estamos a leste da colina, virados para Mataíbebe. Podemos ver a *banza*, adormecida, lá embaixo. Nenhum sinal de fogo. Vocês estão a oeste, virados para a *anhara*.

— Certo, sargento! Marche, com seus homens para oeste e estabeleça contato conosco, entrando pela gruta cuja porta acabamos de atravessar! Siga o cheiro de sangue e de pólvora. Já temos cinco vampiros mortos no nosso caminho, mas ainda é pouco. Até já!

A noite avançava e não encontrávamos os inimigos. Era muito desagradável fazer uma guerra naquelas condições. Já passava das duas da madrugada e nossos mercenários maldiziam a covardia dos negros, que não lhes permitia uma matança geral, à maneira de Katanga.

— Quero matar! — rugia o crioulo João Damba. — Estou sendo pago para matar! Onde se meteram esses malditos pigmeus? Quero matar! Matar!

— Não se separem — retruquei, apreensivo. — O que eles querem é que nós percamos a cabeça e comecemos a

correr, individualmente, de um lado para o outro. Conheço esses negros. Quando não têm armas bastantes, apelam para a astúcia. É um erro pensar que só os militares conhecem estratégia. Não se separem, se têm amor à vida!

Continuamos a marcha, de cócoras, por outro corredor escuro, apalpando o terreno com a ponta das submetralhadoras. A escuridão era tão completa que me surpreendi cutucando o traseiro de João Damba, certo de que se tratava de uma reentrância na rocha. Súbito, ouvimos um ruflar de asas macias e fomos cercados por dezenas de pontos luminosos.

— *Os vampiros!* — gritou um soldado histérico.

Não eram pigmeus, eram morcegos! Um bando de pequenos monstros peludos esvoaçou pela nova gruta onde tínhamos saído e atirou-se, com unhas e dentes, à cara dos mercenários. A luta foi tremenda. Os morcegos, aprisionados na caverna, estavam sedentos de sangue! Alguns soldados caíram, feridos no rosto, enquanto outros disparavam para o teto as suas armas, quase estourando os nossos tímpanos.

Agarrei um dos ratos-voadores pelo pescoço e examinei-o rapidamente com os dedos, classificando-o como um exemplar da espécie *Diphylla ecaudata*, uma das mais gulosas do mundo. A descoberta me decidiu. Tirei do colete dois tabletes de chocolate e joguei-os a um canto da gruta, incidindo sobre elas o fecho de minha lanterna elétrica. Quando os morcegos, ofuscados pela luz, se abateram sobre o chocolate, foi fácil liquidá-los com rajadas de metralhadoras. Mas, então, o ataque dos animais foi substituído pela reação dos verdadeiros vampiros!

Surgiram pigmeus por todos os lados, ululando, os dentes brancos e pontudos brilhando na escuridão. Eram mais de cinquenta pequenos corpos seminus, brandindo lanças e facões, próximos demais para que nossas armas de fogo se revelassem eficientes. Dei ordem de retirada e fui um dos primeiros a fugir, disparando para trás a submetralhadora. No meu ouvido, soou a voz tranqüila do Sargento Macundo:

— Alô, capitão! Tudo uma beleza! Tudo sereno, manso, delicioso! Estamos indo à direção oeste, sob um céu bonito e estrelado. Não há sinais de vida na colina. Dentro de alguns minutos, estabeleceremos contato com vocês!

— Cuidado! — gritei, no microfone do rádio. — O interior da colina está cheio de pigmeus! Não se arrisque a entrar, sargento! Eu farei com que todos os vampiros sejam afugentados das grutas! Espere por eles do lado de fora! É mais fácil liquidá-los ao ar livre!

Disse isso quando já me encontrava numa das saídas do labirinto, depois de ter empurrado uma pedra desengonçada; ato contínuo, extrai do bolso do colete algumas ampolas de gás de mostarda e atirei-as para o interior da caverna. O gás venenoso espalhou-se pelos meandros do formigueiro, como se fosse um poderoso inseticida, que fez os pigmeus saltarem por todos os lados. Eu também saltei, antes que o gás me alcançasse, e logo me vi ao ar livre, sob o céu estrelado. Atrás de mim corriam os mercenários que tinham escapado ao combate — sete ou oito homens apavorados, feridos, sujos de sangue, com as submetralhadoras no pescoço e os capacetes na barriga. Descemos, escorregando, pela superfície lisa da colina e fomos parar na planície, onde

estavam os nossos veículos. Ali, em terreno aberto, seria mais seguro prosseguir na operação.

Mas uma desagradável surpresa nos aguardava no acampamento. Quando pretendemos subir para os caminhões e os jipes estacionados, fomos recebidos por um nutrido fogo de artilharia ligeira, que liquidou quatro de nossos companheiros. O mercenário negro João Damba mergulhou, comigo, por trás do caminhão onde tínhamos deixado M'bata.

— Os pigmeus apoderaram-se de nossos carros — advertiu o crioulo. — Estão usando nossas próprias armas! Reconheci o pipocar da metralhadora de 20 milímetros instalada num jipe que eu próprio manejava!

No meu ouvido, voltou a soar a voz alegre do Sargento Macundo:

— Alô, capitão! Tudo em paz! Tudo maravilhoso! Não há sinais de vampiros! Começo a crer que eles fugiram, de volta para o Congo! A noite está serena e não há brancos na montanha. Que devemos fazer?

— Fomos vencidos — gritei, na haste dos óculos.

— Só sobramos quatro! Agora, estamos junto de nossos veículos, na baixada, mas os pigmeus se apoderaram do acampamento! Estamos sendo metralhados pelas nossas próprias armas! Venha nos socorrer, sargento! Mas tome cuidado porque eles ainda são muitos! E um negro, dispondo dos mesmos recursos e usando as mesmas armas de um branco, perde as suas características primitivas e torna-se tão perverso e perigoso quanto um ariano!

Não ouvi a resposta de meu colaborador. Nesse momento, os pigmeus montados nos jipes dispararam sobre mim o fogo das metralhadoras. Eu e João Damba

rastejamos ao longo do caminhão e nos entrincheiramos na traseira do veículo. Agora, de todos os quinze mercenários do nosso pelotão, só nós dois estávamos em condições de oferecer resistência.

— Cubra-me — pedi ao crioulo. — Vou tentar resgatar minha noiva. Com certeza, ela está prisioneira, no interior do caminhão! Se eles atirarem outra vez, responda ao fogo!

— Com que? — retrucou o negro. — Minha munição acabou!

— Eles não sabem disso. Ao menos, faça “pam-pam-pam” com a boca!

— Sim, meu capitão!

Espiei para cima do caminhão e vi dois pigmeus, de tangas, debruçados sobre uma metralhadora instalada na cabina. Subitamente, trepei para cima do veículo e rastejei até as costas dos dois negros distraídos. Quando eles me notaram, era tarde. Liquidei o primeiro com um golpe de caratê e o segundo com uma facada no ventre. Logo, agarrei na metralhadora e girei-a, apontando-a para os outros carros, fervilhantes de pigmeus. João Damba também subiu no caminhão e foi me fazer companhia.

— Não há ninguém vivo na cabina — anunciou o crioulo com voz rouca. — Vejo apenas dois cadáveres louros, estreitamente abraçados pela morte. São os mercenários que ficaram protegendo sua noiva.

— Maldição! — rugi. — Se esses anões sevicieram M'bata, a morte será pouco para eles! Vou comer-lhes o fígado!

E disparei a metralhadora sobre os outros carros. A resposta não se fez esperar. Durante alguns minutos soaram tiros de um lado e outro. Cerca de quinze pigmeus caíram,

varados de balas, mas eu e João Damba permanecemos de pé. A essa altura, a pálida claridade do alvorecer pintou de branco o palco da tragédia. Nova descarga de metralha pipocou, sem atingir o caminhão onde eu e o mercenário negro nos encontrávamos; evidentemente, os pigmeus sabiam apertar o gatilho das armas, mas não tinham boa pontaria. Nisso, uma voz aguda soou no espaço, do outro lado do campo de batalha:

— Entregue-se, senhor Durban! Sou o *Soba* Mabunda! Estamos senhores do terreno! Sua noiva, a *muata-muári* dos seios grandes, foi aprisionada e sofrerá horríveis torturas, se o senhor não se entregar! Nossas torturas, inspiradas nos métodos mais modernos da polícia dos brancos, incluem os charutos acesos nos seios grandes! Vou-lhe dar apenas cinco minutos para se decidir, senhor Durban; depois, mandarei pelos ares esse caminhão!

Esperei quatro minutos, trocando olhares apreensivos com João Damba, cuja pele ficara cinzenta.

— Eu me entrego — disse o crioulo, erguendo os braços. — Um mercenário também sabe perder! Se eu não voltar, minha família poderá levantar o depósito bancário que o Patrão colocou na Suíça!

Imitei o gesto de meu companheiro, erguendo os braços. Saltamos juntos do caminhão, esperando sermos fuzilados impiedosamente, mas (apesar de ouvirmos novos disparos de metralhadora) nenhuma bala nos atingiu; os pigmeus continuavam tendo péssima pontaria.

M'bata estava amordaçada e manietada, no fundo de um jipe; de pé, no assento dianteiro do veículo, encontrei o *Soba* Mabunda, com um facão em punho. O repugnante

indivíduo (parecia um açougueiro) voltara a usar calças vermelhas e chapéu alto.

— O senhor se entregou a tempo — disse ele, mostrando os dentes pontudos. — Eu ia, justamente, cortar o pescoço de sua noivinha. O senhor nos deu muitos prejuízos, senhor Durban! Mais da metade dos pigmeus morreu, depois que o senhor chegou ao Sunda! Eu devia liquidá-lo sem me preocupar com os costumes tradicionais de minha tribo. Contudo, o apelo da raça é muito forte, O senhor só obterá a liberdade depois de se identificar com os vampiros, sugando o sangue de sua noiva!

Achei o sacrifício brutal e primitivo demais, tratando-se de um prisioneiro de guerra, mas não estava em condições de discutir ética militar com um *soba* africano.

— E eu? — quis saber João Damba. — Exijo que me tratem como prisioneiro de guerra! Eu devo ser apenas fuzilado!

— Certamente — respondeu o *soba*, fazendo uma careta. — Você assistirá ao sacrifício e, depois, também terá seu sangue chupado pelos vampiros, morrendo de anemia! Sob o nosso ponto de vista, a morte por anemia é mais honrosa do que por fuzilamento!

M'bata olhou para mim com seus olhos negros esgazeados; seus lindos seios palpitavam sob o império do terror. Procurei tranquilizá-la, sorrindo, mas meu sorriso revelou-se uma careta que ainda mais apavorou a pobre crioula. Realmente, depois de tanta luta, eu devia estar com cara de vampiro.

— Já sei que a senhorita Sandra Deutch-Brown morreu num desastre de helicóptero — continuou o *Soba* Mabunda. — Os *pnelanguages* transmitiram a notícia por todo o sertão,

embora tivessem dificuldades em soletrar a palavra “helicóptero”, inexistente na língua bantu usada pelos tambores. Se a senhorita Sandra morreu, o senhor apoderou-se de sua pasta. Quero o tratado sobre a concessão para a exploração do petróleo, assinado pelo Presidente Cazumbuca com o doutor Alves Beça!

— Como?! — exclamei, espantado. — Vocês também entendem de negócios?

— O petróleo rege o mundo — retrucou o *Muatiânvua* friamente. — Somos subdesenvolvidos, mas não somos burros! Quero o contrato, senhor Durban! Vamos para o terreno da *banza*, dar início ao sacrifício!

Então, perdi um pouco de meu *aplomb*; sintonizei o rádio e comecei a gritar por socorro. A uma ordem do *soba*, dois pigmeus saltaram em cima de mim e arrancaram-me o rádio, jogando-o ao chão e pisando em cima dele. Mas eu já dera, ao Sargento Macundo, as coordenadas suficientes para que ele me localizasse na aldeia de Mataíbebe. Durante a luta, minha roupa de caçador fora rasgada e fiquei só de calças, com o colete-arsenal brilhando como uma segunda pele. Preocupado, procurei me lembrar do conteúdo de minhas malas de viagem (transferidas para um dos caminhões dos mercenários), pois não tinha certeza de possuir uma terceira roupa de domador de feras.

— O tratado! — insistiu o *soba*, enquanto me arrastavam para a aldeia. — O senhor prefere entregá-lo por bem ou quer que eu lhe arranque a pele?

Estremeci. Será que aquele negro fedorento tinha descoberto o meu colete-arsenal? O colete era a minha última esperança, para escapar do cativeiro! Tentei mudar

de assunto, mas não tive sorte. O chefe africano pôs-se a berrar:

— O contrato! O contrato está na barriga dele! Olhei para o meu ventre e tive um sobressalto.

O documento tinha escorregado por dentro do colete e uma das suas pontas aparecia, na altura do cinturão. No mesmo instante, seis ou sete pigmeus me sujeitaram os braços e me arrancaram o colete-arsenal. Senti vontade de chorar como uma criança. E ainda mais desesperado fiquei quando o *Soba* Mabunda vestiu o meu colete, que ficou dançando no seu corpo magro.

—É uma pena — disse ele, sorrindo com os dentes pontudos. — Seria muito melhor se fosse cor da pele, ou seja, pardo. Mas combina bem com minhas calças de veludo e minha cartola de cerimônia...

Depois disso, eu e João Damba também fomos manietados e levados (a pé e aos empurrões) para um terreiro vazio, do outro lado da colina, próximo de Mataíbebe. Chegamos duas horas depois, quando o sol já ia alto, o mercenário crioulo foi amarrado a uma *melemba*, de onde assistiu, horrorizado, ao meu e ao sacrifício de M'bata. Cercado de pigmeus selvagens, armados e sedentos de sangue, eu não podia reagir. E assim, sob as vistas felizes daqueles pequenos energúmenos (que batiam palmas e cantavam sambas) tive que morder o pescoço de minha noiva (delicadamente), repetindo, em público, o ritual indiano do amor pagão, que sempre executara no silêncio e na intimidade das alcovas de Aloana. Quanto a M'bata, portou-se muito bem, recebendo as dentadas com excelente “fair-play”, pois já estava acostumada com os meus transportes amorosos.

E depois? Seríamos mortos como dois amantes surpreendidos por um viking ciumento?

Não. Depois, felizmente, chegaram os nossos salvadores.

A RESSUSCITADA

Ao todo, restavam apenas vinte e dois pigmeus, da tribo de vampiros protegida pelo *Soba* Mabunda. Estavam todos reunidos no terreiro, apreciando as contorções do corpo negro e nu de M'bata sob os meus dentes de lobo. Procurei alongar o espetáculo (sem sacrificar muito minha vítima) com um olho no *soba* e outro no *muxito*; era daquele mato que deviam sair os valentes mercenários do Sargento Macundo. Afinal, quando M'bata me perguntou, ao ouvido, se já não era tempo de parar, ouvimos o estrondo de várias descargas de metralhadoras. Metade dos pigmeus rolou pelo terreiro, ferida de morte. Foi uma confusão geral!

O *Soba* Mabunda deu um pulo e desapareceu, gritando, por entre as cubatas da *banza*. Sua cartola rolou pelo chão, furada de balas, mas o patife escapou, protegido pelo meu colete-arsenal. Empurrei minha noiva para trás de uma chota (onde ficaria em segurança) e corri em perseguição do chefe africano. Mas, como levava alguns segundos de desvantagem, não pude alcançá-lo. Saíram negros ululantes de todas as palhoças, porém, nenhum deles era guerreiro e todos queriam apenas cair no mato. Procurei pelo *soba* em todas as cubatas (dando empurrões nos crioulos apavorados) e não pude encontrá-lo. Era preciso agarrar o homem, para que me devolvesse o colete!

Minha *Magnum* continuava milagrosamente no coldre, debaixo do sovaco, mas o resto do material fora-se com o colete! Descoroçoado, regressei ao terreiro, ainda a tempo de assistir ao final do combate. Os últimos pigmeus-vampiros, cercados, defendiam-se como leões (com lanças e facas) e morriam como moscas. Os mercenários não tinham contemplações e fuzilavam todos os negros (com menos de um metro e meio de altura) que encontravam pelo caminho. Até alguns *quiocos*, que procuravam fugir agachados, caíram varados de balas. Em menos de uma hora, um rio de sangue escorria pelo terreiro, juncado de cadáveres. A matança fora. tão feroz que o próprio João Damba (meu companheiro de cativeiro) tinha sido sacrificado por engano; seu corpo magro pendia da árvore onde fora amarrado.

— Chega! — bradei. — Acabaram-se os vampiros! Se vocês não pararem, acabarão se matando uns aos outros!

O jovem Macundo apareceu, por trás de uma árvore do *muxito*, com a submetralhadora em punho e os óculos no nariz.

— Alô, senhor Durban! Chegamos a tempo, hem? Teria escapado algum?

— Escapou apenas o chefe. Não houve meios de encontrá-lo.

— Perdemos três homens, desta vez. Mas parece que a limpeza foi geral! Isto é para eles aprenderem!

E contemplou, alegremente, o cemitério ao ar livre em que se transformara o terreiro da *banza*.

Apontei para o cadáver de João Damba, pendurado na *melemba*.

— Olhe o que vocês fizeram! Mataram, também um companheiro!

— São os ossos do ofício, senhor Durban. No meio da confusão, não podíamos escolher os alvos... Pobre Damba! Era o único mercenário negro da nossa turma! O mal dele foi ter nascido dessa cor!

— Você me disse que é um nacionalista angolano verdadeiro — redargúi, fitando-o severamente. — Acha que um autêntico angolano tem prazer em matar os seus irmãos de raça?

— João Damba morreu por engano — obtemperou o mulato. — Quanto aos outros, não são meus irmãos de raça! Os pigmeus são vampiros, pagos pelos inimigos do povo! Foram estes selvagens que mataram o Presidente Natanga, para que o Vice-Presidente assumisse... e assinasse o contrato com os capitalistas portugueses!

— Engana-se, sargento. Quem matou o Presidente foi um de seus colaboradores no Governo! Tenho a íntima convicção disso; só me resta prová-lo!

O rapaz olhou-me pensativamente, através dos óculos.

— Agora, que acabaram os vampiros, o senhor pretende voltar para Lochas?

— Claro. O helicóptero que me levava sofreu um acidente. Tenho um bom pretexto para visitar o Palácio do Governo.

— Nós também voltaremos, O novo Presidente terá que entrar num acordo conosco. Somos apenas cinquenta e dois mercenários e não podemos ser impedidos de exercer nossa profissão! Se o novo Governo pensa em nos expulsar do Sunda, terá uma resposta à altura! Ninguém nos tira os

nossos direitos de matar inimigos do povo! Só lamento que não haja um sindicato de guerrilheiros!

— Atualmente não há mais inimigos para matar. Acabou a revolução, sargento, e acabaram-se os vampiros. Não há mais lugar para mercenários. Atualmente, o Sunda precisa apenas de paz, para poder prosperar sem o guante de Portugal. Vocês devem depor as armas e agarrar nas pás e nas enxadas! Vocês devem trabalhar!

O mulato arregalou os olhos.

— Trabalhar?! Com pás e enxadas! Não somos lavradores, senhor Durban! Se nos tirarem as armas, perderemos nossa razão de ser! Somos guerrilheiros e como guerrilheiros queremos morrer! As pás e as enxadas são para os caipiras! Somos soldados!

— Mas a guerra acabou! Os únicos soldados úteis, na paz, são os bombeiros!

— Isso é o que o senhor pensa. Para nós, a guerra não acaba nunca! Vamos voltar a Lochas e conhecer as intenções do novo Governo a nosso respeito. Conforme for, senhor Durban, combateremos o Presidente Cazumbuca, até colocar no Sunda um Presidente verdadeiramente sundaense! Soldado foi feito para a guerra... e, para um soldado, é horrível viver em paz!

— E o *Soba* Mabunda? — perguntei.

— Que é que tem?

— Você não pode voltar para Lochas sem levar a cabeça do chefe dos vampiros! Lembre-se das ordens que recebeu do Patrão: “Proteja o Presidente Cazumbuca e liquide os vampiros.” Ainda há um vampiro em liberdade!

O mulato fez uma careta.

— Tem razão. Vamos procurar esse patife e liquidá-lo também! Nem que seja preciso arrasar a aldeia de Mataíbebe!

Meus protestos foram em vão. Uma hora depois, as cubatas dos pobres mataibebeanos estavam em chamas e os negros (inocentes) refugiavam-se na floresta, rezando ao Pai Xangô. As represálias dos mercenários duraram o resto da manhã e prolongaram-se pela tarde toda; ao anoitecer, a *banza* do Alto Chingaqui tinha-se transformado num monte de cinzas. Mas o *Soba* Mabunda não apareceu.

— Onde se teria metido o velhaco? — resmungou o sargento. — Aqui não está! Deixou as calças vermelhas numa cubata e fugiu de tanga! Podemos fuzilar alguns habitantes do lugar, para que os outros falem, mas não acho oportuno. Muita morte gera muito ódio. E nós queremos a pacificação dos crioulos honestos, para que nos ajudem a construir um Sunda melhor. Provavelmente, o *Soba* Mabunda já está longe daqui.

— Também acho. Foi inútil queimar a aldeia.

— Serviço de rotina — respondeu o mulato, suspirando. — Agora, os crioulos construirão casas mais modernas, de tabatinga, em vez destas cubatas primitivas. Há males que vêm para bens, senhor Durban. E nós queremos o progresso do Sunda, acabando com os velhos costumes e a velha cultura!

Nunca pude compreender a filosofia de um revolucionário. Destruir a cultura, acumulada em séculos de experiências, é começar tudo de novo, partindo da estaca zero. As experiências humanas podem ser peneiradas, mas nunca desprezadas. Por isso, sempre achei discutível aquela parábola de Bernard Shaw, em que ele diz que não se deve

pôr água limpa num balde sem jogar fora a água suja, pois a nova água sempre ficará com um pouco de sujeira. Pior do que perder alguns anos clareando a água é jogar fora a água suja e ficar com o balde vazio.

— Voltamos para Lochas, meu *soba*? — perguntou M'bata, que tinha dois curativos no pescoço e parecia apavorada com as cenas dantescas que presenciara. — Agora, você pode dizer ao Presidente que sua missão está terminada.

— Ainda não — respondi, beijando-a. — Ainda me resta desmascarar o assassino de seu tio! Mas claro que voltamos para Lochas; é lá que ele está à minha espera!

Regressamos naquela mesma tarde e passamos a noite toda na viagem. Agora, éramos apenas quinze homens, barbudos e malcheirosos, cobertos de barro e de sangue. E deixamos atrás de nós a aldeia de Mataíbebe completamente arrasada. Nunca pude compreender os revolucionários; em Aloana, nossas revoluções são feitas pelo voto, no Conselho da Família, e nunca morre nenhum inocente.

Na manhã de domingo, nossa caravana entrou na capital. Os caminhões e os jipes pararam no bairro do General Delgado, onde outros mercenários estavam à nossa espera.

— Aqui nos separamos — disse o jovem Macundo. — Vá para o seu hotel, senhor Durban, e aguarde os acontecimentos. Antes de qualquer coisa, irei ao palácio, conhecer o destino que nos espera. O senhor poderá se avistar com o Presidente depois do almoço. Está bem?

Respondi que estava ótimo, saltei do caminhão (com M'bata), despedi-me de todos e fui para o Hotel Central, com as malas nas costas. Estava morto de sono e de cansaço. O pessoal do hotel ficou muito admirado de me ver

de volta, mas não criou obstáculos à minha permanência na casa. Fui para o meu antigo quarto e caí de bruços na cama, adormecendo em seguida. M'bata dormiu comigo, depois de trocar a tanga por um *baby-doll*.

Fomos acordados ao meio-dia. Fiz a barba, tomei banho, vesti meu último terno de caçador de feras e descí para almoçar. M'bata voltou a vestir uma espécie de sari indiano, que lhe caía muito bem. Mal tínhamos comido a sobremesa quando parou um jipe à porta do hotel e o Sargento Macundo irrompeu na sala de refeições. Vinha mais pálido e descabelado do que após a matança do Alto Chingaqui; sua voz estava demudada pela apreensão:

— Vim me despedir do senhor, senhor Durban, e preveni-lo de que o senhor corre perigo em Lochas!

— Que aconteceu?

— O Presidente Cazumbuca e seus Ministros deram início a um movimento que eles chamam de “depuração nacional”. É uma espécie de expurgo, à maneira dos nazistas. Durante a nossa ausência, foram fuzilados três elementos do Governo, fiéis ao falecido Presidente Natanga, e o Ministro da Justiça anunciou outras condenações à morte para breve. O Sunda caiu num regime totalitário de direita, senhor Durban!

— E vocês? — insisti, preocupado. — O que será feito de vocês?

— Recebemos ordens de desmobilização imediata. A milícia do ditador já se apoderou de grande parte de nossos veículos e de nosso material bélico, mas ainda temos alguns recursos, escondidos, em Tchibungo. Estamos dispostos a reagir!

— Reagir? Como?

— Ainda existem sundaenses democratas, que ajudarão nossos guerrilheiros! Vamos para o interior, senhor Durban! Vamos combater a nova política fascista do Sunda, até darmos ao país um Governo do povo! Desta vez, nem o Patrão nos desviará de nossa meta! Veja o bilhete que estava à minha espera, em General Delgado!

E mostrou-me um pedaço de papel, perfumado com essência de rosas. Dizia:

Cumpram as ordens do novo Presidente. Não preciso mais de vocês.

O Patrão

Devolvi o bilhete ao jovem mercenário e sacudi a cabeça.

— Então, vocês vão se tornar guerrilheiros, para combater os revolucionários? Mas, quem será o líder do movimento?

— Eu! Há muitos anos que luto pela independência de Angola, senhor Durban. Pensei que tivesse alcançado nossos objetivos, mas fomos traídos. Não me admiraria nada se o Presidente Cazumbuca entregasse o país, outra vez, a Portugal! Agora, só nos resta lutar, nas florestas, por um Governo legitimamente democrático! Quanto ao senhor, senhor Durban, tome cuidado! Seu nome consta do próximo expurgo! Eles também não precisam mais do senhor!

Nesse momento, um pelotão de soldados (fardados de cinzento) entrou pela porta do hotel, as armas na mão. O chefe do grupo era o Capitão Banguela.

— Sargento Francisco Macundo — anunciou o oficial, com voz seca. — Está preso em nome do Ministro da

Justiça! Acompanhe-me, sem oferecer resistência, à Fortaleza da Boa Viagem!

Empurrei M'bata para debaixo de uma das mesas e fiz-lhe companhia. Aquilo não me dizia respeito. Durante cinco minutos ouviram-se tiros, no restaurante, e alguns soldados caíram por entre as mesas; depois, houve um silêncio de morte. Saquei da *Magnum* e espiei por baixo de uma cadeira. O Sargento Macundo e três dos mercenários que o acompanhavam fugiam no jipe, em desabalada carreira, deixando atrás de si três companheiros mortos. À porta do hotel, o Capitão Banguela apontava o seu revólver para a rua. Disparei, por entre as pernas das mesas, ao mesmo tempo em que ele. A bala da *Magnum* entrou no meio de suas costas.

— Em nome de Cauína Caçula — murmurei fervorosamente. — Em nome daquela pobre inocente!

O capitão girou nos tacões das botas, olhou para mim com cara de espanto e caiu molemente, ficando imóvel. Mais ninguém tinha assistido ao desenlace. Guardei a pistola no coldre e levantei-me afobado, pedindo aos empregados do hotel que socorressem os feridos.

— Que horror, meu Deus, que horror! A vista de tantos mortos vai me perturbar a digestão!

Depois, deixando o restaurante transformado em enfermaria, pedi a um outro oficial sundaense que me transportasse ao Palácio do Governo, pois tinha um encontro marcado com o Presidente.

Fomos levados num automóvel fechado, com batedores de motocicleta, e num instante chegamos ao Quartel-General, onde já devia ter chegado a notícia da morte do Capitão Banguela. Ao saberem que eu estava ali, os

governantes do Sunda deram-me ordens para subir imediatamente. Entrei no gabinete do Presidente, com M'bata pelo braço, e ali encontrei reunidos os Três Grandes. O Presidente Cazumbuca estava sentado à secretária, muito empertigado, a mão direita tamborilando na caixa dos óculos; o Primeiro-Ministro Confuso de Oliveira palitava os dentes, de pé, junto da janela; e o chefe do Estado-Maior fumava um cigarro, sentado numa poltrona.

— Senhor Keith Durban — disse o Presidente com voz grave — acabamos de ter notícia de suas aventuras, no Alto Chingaqui, ao lado dos mercenários do Sargento Macundo. Os vampiros foram dizimados, senhor Keith Durban?

— Sim, excelência. Só falta prender o chefe deles, que é o *Soba* Mabunda, *Muatianvua* de Mataíbebe. Esse ainda está foragido.

— O Sargento Macundo — disse o Primeiro-Ministro com voz gelada — também está foragido. Não queremos mais mercenários brancos matando nossos irmãos negros! O senhor assistiu ao tiroteio no Hotel Central, senhor Durban. *Quem matou o Capitão Banguela?*

— Não sei dizer, excelência. Mas não podia ter sido o sargento. Ele já tinha escapado, num jipe, quando o capitão caiu, na porta do hotel.

— *E o senhor*, onde estava? — quis saber o chefe do Estado-Maior.

— Agarrado à minha noiva, debaixo de uma mesa. Creio que o Capitão Banguela foi vítima de uma bala perdida.

— Sim — ruminou o Tenente-Coronel — uma bala perdida... Faremos investigações a esse respeito, logo que recebermos um comunicado oficial sobre o incidente. Gostaria de conhecer o calibre da bala perdida...

E seus olhos negros fitaram ameaçadoramente os meus.

— Que deseja de nós? — voltou o Presidente Cazumbuca, do outro lado da mesa. — Fomos informados do acidente com o helicóptero de Fernando Tahí, que atrasou a sua viagem para Uije. Agora, que deseja de nós?

— Condução — respondi afavelmente. — Não posso ir embora a pé, excelência. Se os senhores me expulsaram do Sunda, tem a obrigação de me fornecer um meio de transporte para Uije.

O Primeiro-Ministro ergueu um dedo.

— Onde está o contrato, assinado pelo nosso Presidente, que o senhor apanhou na pasta da senhorita Sandra Deutch-Brown?

— Não está mais comigo, excelência. Era minha intenção levar o documento ao doutor Alves Beça, mas fui aprisionado pelo *Soba* Mabunda e ele me roubou o papel, junto com o meu colete à prova de bala. O tratado sobre a exploração do petróleo está com o Rei dos Vampiros.

— E onde está o Rei dos Vampiros? — perguntou o chefe do Estado-Maior em tom irritado.

— Isso, cabe aos senhores descobrir. Minha missão era apenas acabar com os pigmeus vampiros; não tenho nada a ver com o petróleo. E, depois da morte da senhorita Sandy.

Notei que os três homens se entreolharam, sorrindo, e não disse mais nada. Tive o pressentimento de que ia receber uma notícia surpreendente.

— Senhorita Sandy — disse o Primeiro-Ministro — não está mortal

— Como disse, excelência?

— Digo que a senhorita Sandy não morreu! Ela é hóspede do nosso palácio.

M'bata deu um gritinho de alegria; eu permaneci impassível, duro como uma rocha, para não delatar meus sentimentos.

— Folgo em saber disso, excelência — respondi, com voz neutra. — Sempre tive um profundo apreço pela secretária do doutor Beça. Onde poderei encontrá-la?

— *Aqui!* — disse uma voz jovial, do outro lado do escritório. — Mais perto do que você pensa!

Uma poltrona (que estava de costas) girou nos rodízios e a loura inglesinha apareceu, de pernas cruzadas, vestida com um novo trajo de caçadora. M'bata correu a beijá-la (nas duas faces) dando-lhe os parabéns pela ressurreição, enquanto eu a contemplava friamente.

— Por que não morreu? — inquiri, como se a acusasse de uma traição.

A garota espichou o beicinho inferior, na sua costumeira expressão de desdém.

— Sei lá! Deus não quis. Julguei que tivesse morrido. Voltei a dar acordo de mim na viagem de volta para Lochas. Os médicos foram muito atenciosos, no Hospital do Estado, e logo me deram alta. Sofri, apenas, as conseqüências do choque do helicóptero contra a árvore. Tão cedo não vou poder andar de elevador. Fernando Tahí morreu.

— Eu sei. Se não tivesse morrido, eu o mataria! Cauína Caçula foi vingada.

— Já contei tudo ao Presidente, Durban. Sua Excelência não sabia que Fernando Tahí era um agente do Patrão. E também não sabia que ele é que tinha assassinado a crioulinha e o garoto. Claro que, com a confissão do piloto do helicóptero, testemunhada por mim, você está livre da acusação. Não foi você quem matou a negra.

— O Capitão Banguela também morreu — retruquei, sorrindo. — Ele foi cúmplice de Fernando Tahí. Agora, o cadáver da senhora Cauína pode descansar em paz, sem dar voltas no caixão.

— E o contrato? — quis saber Sandy, pousando em mim seus lindos olhos azuis. — É verdade, mesmo? Foi roubado pelo chefe dos vampiros?

— Claro. Que interesse tinha eu em ficar com o papel? Agora, temos que esperar.

— Esperar? O quê?

— Que o *soba* entre em contato com você, Sandy. Ele também pensa que você morreu; mas, quando souber que você ressuscitou, certamente há de querer fazer negócio...

Houve uma pausa. O silêncio, no gabinete, era absoluto. Depois, o Presidente ergueu a voz, virando para mim os seus olhos escuros:

— O senhor irá embora, com a senhorita Sandra, logo que o helicóptero for consertado. Enquanto isso, deve ficar no seu hotel e não se envolver em atividades políticas. A transgressão desta ordem, senhor Keith Durban, implicará num processo penal de conseqüências terríveis! Não queremos novas complicações no Sunda, novas matanças, novos escândalos! O país continua sitiado pelas forças militares portuguesas, o que já lhe acarreta bastante prejuízo. Estamos sofrendo pressões de toda ordem, mas havemos de resistir! Ainda por cima, o Partido da Libertação Nacional deixou de nos apoiar... e não recebemos mais suprimentos, por via aérea, da fronteira do Congo!

— Onde está o helicóptero? — perguntei.

— Foi trazido para Lochas. Seu rotor não sofreu nenhum dano sério. Logo que os vidros da cabina forem substituídos, está em condições de voar. Amanhã, talvez. Entretanto, rogo-lhe que observe as minhas disposições, senhor Keith Durban. Não se envolva mais em política! Não dê seu apoio aos mercenários nem ao Sargento Macundo, que foram colocados fora da lei! Esqueça-se da morte do Major Natanga! Nosso país acaba de ingressar numa era de paz e prosperidade, sob a égide do Nacional Socialismo. E aqueles que não forem nossos amigos, necessariamente serão considerados nossos inimigos! A fim de darmos vazão à próxima e imensa procura, já estamos construindo fornos crematórios em vários campos de concentração de Lochas e Tchibungo.

Olhei para Sandy. A ressuscitada sorriu para mim.

— É verdade, Durban. Houve uma pequena mudança na política do Sunda... Mas nós aderimos, claro. Não custa aderir. O doutor Beça ficará muito satisfeito quando souber que o novo Governo lhe dará todas as facilidades para a exploração do petróleo. Sob a presidência do doutor Cazumbuca, o Sunda passará a ser um país organizado, disciplinado, e que honrará seus compromissos financeiros. Amanhã voltaremos para Lisboa e, dentro de alguns dias, a SANGRA já terá assumido o controle da exploração do petróleo, pagando um excelente *royaltie* ao Presidente Cazumbuca. Tudo, então, será mais fácil.

— E quem matou o Presidente Natanga? — perguntei com voz macia.

Houve outro silêncio no gabinete. Logo, Sandy deu uma risada, fazendo aparecerem as covinhas nas faces.

— Você é teimoso, hem, Durban? Que lhe interessa saber disso? Ouça o conselho de Sua Excelência, o Presidente, e não se envolva mais em política! A política é perigosa, querido. Preserve a sua saúde de espião independente. O Major Natanga sofreu um atentado político, apenas, coisa muito comum na África. Não se trata de um homicídio qualificado.

— De qualquer maneira — obtemperei, cerrando os maxilares — um homem morreu e seu assassino continua impune! Aliás, morreram dois homens, pois o doutor Carlos Catinga também foi vítima de um atentado, em Aloana. Não quero saber se foram crimes políticos ou passionais; quero castigar o culpado, de acordo com a lei! E não descansarei enquanto não terminar minha missão em Angola!

— Nesse caso — rouquejou o Tenente-Coronel Caxumbela — nada mais temos a discutir! Se o senhor se envolver em atritos, senhor Durban, responderá pela sua teimosia! E livre-se de se envolver com o Exército Nacional, porque, nesse caso, não escapará do fuzilamento!

— Deixe-o comigo — volveu Sandy, sorrindo e mostrando, outra vez, as covinhas das faces. — Eu convencerei este cabeçudo a ficar quieto!

Ainda conversamos alguns minutos, no gabinete do sobrado, e saímos do Palácio (eu, Sandy e M'bata) para conhecer detalhes das instalações petrolíferas. A loura ressuscitada já conhecia tudo como as palmas de suas mãos. Nossa visita ao campo de petróleo durou duas horas. Aproveitei um momento em que minha noiva se afastou de nós e perguntei a Sandy:

— Por que atirou contra mim, no helicóptero?

A loura empalideceu.

— Que está dizendo? Eu não atirei contra você! Eu seria incapaz de uma coisa dessas, meu amor!

— M'bata é testemunha. Pouco antes da queda do aparelho, você tirou uma arma da bolsa e tentou me matar pelas costas. Por quê?

— Falta de senso!

Segurei-a delicadamente pelo pescoço.

— Por quê? Responda!

— Por favor, meu bem! Você me machuca! Por que iria eu querer matá-lo, seu bobo? Realmente, atirei... mas era contra Fernando Tahí! Tentei evitar a queda do aparelho, aleijando o piloto. Fernando se revelara um assassino e...

— Talvez — resmunguei, largando-lhe o pescoço. — Ou talvez você quisesse matá-lo para que ele não me revelasse o nome do Patrão!

Sandy abriu a boca, mas não disse nada. Tive a impressão de que acertara em cheio. Nesse momento. M'bata voltou para junto de nós, dizendo-se impressionada com o trabalho da sonda furando a virgindade da terra, e nós mudamos de conversa.

— Você vai voltar para o hotel? — perguntei à ressuscitada.

Ela ajeitou os cabelos louros, num gesto coquete.

— Não. Estou hospedada no Palácio. Aliás, você e sua noivinha estão convidados para jantar comigo. Teremos a presença honrosa do Presidente, do Primeiro-Ministro e do chefe do Estado-Maior. E a comida do palácio é muito melhor que a do hotel.

— Obrigada — disse M'bata. — Aceitamos encantados. Usam tanta pimenta, no hotel, que eu estou sempre com coceira!

— Mas eu a aconselho a ir dormir no hotel — continuei, dirigindo-me a Sandy. — Você não quer recuperar o contrato, para levar ao doutor Beça? Pois tenho a impressão de que o chefe dos vampiros aparecerá mais facilmente no hotel do que no palácio. A estas horas ele já deve saber que você ressuscitou.

— Certo — disse a inglesinha, espichando o beijo. — Se você acha que isso facilita, irei dormir no hotel. *E você?*

Sua pergunta encerrava tanta malícia que senti M'bata estremecer. Relanceei os olhos por minha noiva. Depois:

— Eu? Tenho que estar a postos, para agarrar o *soba* — minha voz era séria, embora um pouco trêmula. — Esperarei por ele num lugar discreto, onde ninguém me veja. Um espião tem que se sacrificar no cumprimento do dever. Só me falta neutralizar o *soba*, para acabar com todos os vampiros. Depois, então, desmascararei o assassino do Presidente Natanga e, de quebra, o Patrão. Foi o Patrão quem pôs aquele escorpião negro na valise do doutor Carlos Catinga!

Sandy deixou de sorrir, escondendo os dentinhos de coelho.

— Você já faz idéia de quem seja ele? Quero dizer, o assassino do Major Natanga?

— Se faço idéia? — retruquei, fitando pensativamente os seus lábios. — Tenho quase a certeza de sua identidade! Só me falta confirmar um detalhe. E é o que farei esta noite, durante o jantar!

Sim, ao ver os dentinhos de coelho da garota, eu me lembrara finalmente do detalhe que apontava o verdadeiro assassino do tio de M'bata. Agora, tinha certeza que poderia desmascará-lo, encerrando de uma vez por todas minha

missão em Angola. Depois, então, poderia voltar para Aloana, com a consciência tranqüila e as duzentas mil libras no bolso.

Isto é: se recuperasse o meu colete-arsenal. O dinheiro estava dentro dele.

ENCONTRO NO BANHEIRO.

O jantar, no restaurante do palácio, transcorreu em perfeita ordem e sem grandes discussões.

Só tive um ligeiro atrito com o Tenente-Coronel Caxumbela, quando ele se queixou da ingratidão dos sundaenses, que acusavam o Governo de, se ter transformado numa ditadura militar.

— É uma injustiça — proclamou o chefe do Estado-Maior, enquanto o Presidente e o Primeiro-Ministro apoiavam-no gravemente. — As Forças Armadas fizeram a revolução e precisam tirar partido dela! Nossas intenções são as mais patrióticas, senhor Durban! E, se nossos coronéis assumiram todos os postos civis, foi para preservar os destinos do Sunda, livrando-o da influência comunista! É um perigo depositar o poder nas mãos de crioulos sem educação nem disciplina militar; por isso, todos os cargos bem remunerados da Administração devem ficar nas mãos dos oficiais, para que eles se recuperem do prejuízo que tiveram no tempo da paz, quando ganhavam menos do que um homem de negócios! Atualmente, nossos militares ficam ricos, honestamente, à Custa de seus empregos públicos; até as funções religiosas, nos templos do Sunda, estão sendo oficiadas por militares de confiança. Isto nos dá segurança e alegria de viver!

Foi aí que eu disse o que pensava da ditadura do novo Governo, devido à qual o Sunda continuava no seu atraso secular, enquanto meia dúzia de privilegiados (tendo à frente o Presidente) usufruía os benefícios de uma política de arrocho salarial. Na verdade, o povo sundaense continuava de tanga, enquanto os coronéis se banquetavam no Clube Militar de Lochas.

— O senhor não entende de política — rugiu o Tenente-Coronel, amarrotando o guardanapo. — Preferia, talvez, que o Sunda caísse nas mãos dos extremistas? O falecido Major Natanga era simpático à linha de Moscou! Se ele não morresse, propiciando o controle militar da região, a estas horas estaríamos sob a influência dos comunistas! E o senhor sabe que o marxismo é um atraso! Por que haveríamos de beneficiar o PC, se podemos, nós próprios, comer a parte do leão? A diferença entre os militares e os comunistas, senhor Durban, é que nós sempre temos boas intenções! E só fuzilamos aqueles que nos prejudicam!

Sandy interrompeu a discussão, elogiando o doce de *ginguba* (sobremesa típica sundaense) e o Tenente-Coronel acalmou-se. M'bata, assustada, tinha-se encolhido tanto na cadeira que estava quase debaixo da mesa. Eu passara o tempo todo analisando os dentes dos comensais e fazendo meus cálculos; no final da refeição, já sabia o que queria. O Presidente Cazumbuca usava dentadura postiça (dentes largos e iguais), o Primeiro-Ministro tinha dentes pequenos, de rato, e o chefe do Estado-Maior exibia uma dentadura escura, de dentes separados. Era fácil deduzir qual o homem que mordera o falecido Presidente Natanga, se esse homem fosse um dos Três Grandes; contudo, eu ainda precisava saber se os dentes pontudos do *Soba* Mabunda eram

naturais. Onde estaria, naquele momento, o chefe dos vampiros?

Depois do jantar, filmamos charutos, no *living* do palácio. Em dado momento, o Primeiro-Ministro levou-me até a varanda, sob o pretexto de apreciar o luar. Ali, ninguém nos ouvia.

— A propósito — disse o enorme crioulo, fugindo com os olhos. — O senhor nos revelou que conhece a identidade usada pelo Alferes Henrique Costa de Sousa... Que pretende fazer? Denunciá-lo ao Presidente?

— Não — respondi, sorrindo. — Não tenho nada a ver com o espião português infiltrado no Sunda. Não fui pago para denunciá-lo. Por isso, ele nada tem a temer. Pelos menos, de minha parte.

— O senhor sente-se ameaçado por ele — insistiu o político, encarando-me através das lentes dos óculos.

— Quase morri, por causa dele! Ele se precipitou, querendo ficar livre de mim, na suposição de que eu o iria denunciar. Os soldados portugueses receberam ordens de derrubar o helicóptero de Fernando Tahí, quando atravessávamos a fronteira em Culongo! Eu interceptei, por acaso, uma mensagem radiofônica do espião.

— Deveras?! — exclamou o Primeiro-Ministro, mordendo os lábios. — Poderia me dizer, confidencialmente, quem é o traidor? Talvez eu desse um jeito nele...

— Não, excelência. Prefiro guardar o segredo comigo. Ele fugiu com os olhos.

— Não acha perigoso, senhor Durban?

— Estou acostumado com o perigo.

— E o senhor poderia provar, sem sombra de dúvida, que um de nós é um espião?

— Sem sombra de dúvida, excelência. O Alferes não se separa de sua emissora portátil. Bastaria abrir a caixa da emissora, para que ele fosse desmascarado.

O Primeiro-Ministro olhou, com ar desconfiado, para a sala, onde se encontravam os seus outros dois colegas do Governo.

— Isso é grave — murmurou. — Gostaria de conhecer a identidade do traidor, para evitar escândalos. Na verdade, a ação do Alferes pouco nos preocupa, pois estamos unidos no sagrado dever de dar a independência ao Sunda. Nossas tropas, apoiadas pelos formigueiros inexpugnáveis das *Salalés*, não permitirão a volta dos portugueses ao território nacional! O senhor é um cavalheiro, senhor Durban. Conto com a sua discrição. Os problemas internos do Sunda, devem ser resolvidos pelos sundaenses! Vá-se embora daqui e nunca mais venha nos criar complicações!

Pouco depois, tive outras conversas (com o Presidente Cazumbuca e com o Tenente-Coronel Caxumbela) ambas versando assunto semelhante: todos os representantes do Governo estavam ansiosos por me verem pelas costas. Eu só não compreendia uma coisa: a mudança dos métodos dos militares sundaenses. Por que tinham deixado de me ameaçar (e atacar) para me aconselharem a ir embora? Foi Sandy quem me deu a resposta, mais tarde, quando regressávamos (de jipe) ao Hotel Central:

— Eu intercedi por você, Durban. O novo Presidente está em ótimas relações com o doutor Beça, de olho no *royaltie* que receberá da SANGRA pela concessão da exploração do petróleo de Lochas e Tchibungo. Agora, com

a nova política militarista no Sunda, o Poder Econômico voltou a dominar... e eles respeitam muito um banqueiro famoso como o doutor Beça. Tenho a palavra do Presidente Cazumbuca de que você não será perseguido. Basta que fique quieto, até nossa partida para Uije. Amanhã talvez o helicóptero já esteja em condições de voar. E, afinal de contas, você já acabou com os vampiros, não é?

— Por quê? — perguntei.

Ela piscou os olhos azuis.

— Por que, o quê?

— Por que ficou tão boazinha para mim? Que espera ganhar, protegendo-me dos homens do Governo?

Ela encarou-me com os olhos sorridentes, espichando encantadoramente o lábio inferior. E não me respondeu. Compreendi que, se me respondesse, arriscava-se a levar um bofetão de M'bata. Tal como eu esperava, a loura inglesinha ficara apaixonada por mim. E o amor, como se sabe, atrapalha muito a política...

Chegamos ao hotel e ainda ficamos alguns minutos no *living*, conversando e bebendo uísque. Afinal, às dez horas, cada um foi para o seu quarto. Pedi a minha noiva que tivesse paciência, pois precisava girar pelo hotel, à espera de uma visita, e não poderia dormir naquela noite. M'bata fez uma carinha amuada, mas concordou. E só reclamou quando me viu pôr perfume debaixo dos sovacos. Justifiquei a medida, alegando que as últimas aventuras entre os pigmeus do Alto Chingaqui tinham me deixado com catinga de bode. Na verdade, minhas intenções eram outras. Como um legítimo *gentleman* britânico, eu precisava retribuir a gentileza da senhorita Sandra Deutch-Brown, interessando-se tanto por mim...

Andei pelas dependências do hotel, de alto a baixo, observando todos os locais que facilitassem a entrada de um ladrão e acabei elegendo um dos banheiros do andar térreo para meu posto de observação. Esse banheiro tinha uma janela basculante (sem grades) permanentemente aberto, que dava para o quintal. À meia-noite, o silêncio desceu sobre o prédio. Saí do banheiro e dei outra volta pelo interior do hotel, até ir bater discretamente à porta do quarto de Sandy. A lourinha abriu em seguida, como se já estivesse à espera da batida. Vestia apenas um *peignoir* sobre o corpo branco e nu. E também tinha perfumado as axilas.

— Alô!

— Alô! — respondeu ela, mostrando as covinhas do rosto.

— No banheiro — anunciei com voz tensa.

— Aonde?

— No banheiro! Ele deve entrar por ali!

— Ele quem? — seus olhos azuis estavam arregalados.

— O *Soba* Mabunda! Temos que estar preparados para recebê-lo!

Ela assentiu gravemente com a cabecinha loura e acompanhou-me, fechando silenciosamente a porta do quarto.

— E M'bata?

— Deus permita que esteja dormindo. Silêncio!

Deixei-a no banheiro e fui até o quarto de minha noiva. Sim, ela já estava dormindo, estirada de bruços na cama. Regressei ao banheiro, entrei e fechei a porta à chave. Tudo com a maior discrição, como convém a uma agente secreto em missão especial.

— Você tem certeza? — perguntou Sandy, no meu ouvido — que o Rei dos Vampiros entrará por aqui?

— Quem?

— O Rei dos Vampiros.

— Quem é esse chato?

— O *Soba* Mabunda!

— Ah, sim! Esperemos! — assumi uma atitude enérgica.

— A espera talvez seja longa, por isso trouxe uma garrafa de uísque e dois copos. Temos que nos submeter ao sacrifício, pelo futuro do Sunda. Dispa o *peignoir*.

— Mas...

— Não discuta! Você pretende provocar um escândalo no hotel? Imagine o que os crioulos da Recepção pensariam, se nos encontrassem trancados aqui dentro?! Ponha-se à vontade, para a longa espera. Só não consegui arranjar gelo. Ele talvez demore a chegar.

— O gelo? — perguntou ela, com voz quebrada.

— Não! O *soba*! O *soba*, amorzinho...

Foi assim que amenizei a “Operação Banheiro”, para felicidade de Sandy e minha própria satisfação. Esperamos pelo Rei dos Vampiros (nos braços um do outro) bebendo uísque por um canudinho e fazendo o menor ruído possível. As horas se passaram e nada acontecia, além do previsto. Sandy revelou-se ainda mais carinhosa do que naquela noite, no meio do mato, e eu tive oportunidade de lhe demonstrar o meu enorme reconhecimento. Às quatro horas da manhã estávamos cansados de tantas demonstrações de simpatia e começamos a pedir a Deus para que acontecesse outra coisa, O uísque desaparecera da garrafa, deixando-nos na boca um gosto de *berceuse* de Brahms. Por fim, pouco antes das cinco horas, ouvimos um leve ruído no basculante.

A luz estava apagada e minha companheira dormia, sem *peignoir*, nos ladrilhos do banheiro. Vesti as calças de caçador de feras e sacudi a lourinha pelo ombro, sussurrando no seu ouvido:

— Sandy? Acorde! Aí vem ele!

Ela abriu os olhos, sonolenta, e suspirou.

— Outra vez? Você não se cansa nunca, hem! Então venha!

Vesti-lhe rapidamente o *peignoir* e sentei-a, em segurança, no vaso sanitário; depois, saquei da *Magnum* e plantei-me, de pé, ao lado do basculante. Uma mão negra e comprida entrou pela abertura (que tinha apenas meio metro quadrado) e tateou os ladrilhos laterais. A seguir, uma cabeça pelada, preta como uma bola de piche, emergiu do basculante, girando cautelosamente de um lado para o outro. Os olhos do crioulo pareciam faróis, iluminando a escuridão. Atrás da cabeça, emergiu um peito magro, protegido por um colete-arsenal à prova de bala. Silenciosamente, o *Soba* Mabunda esgueirou-se pelo buraco e escorregou para os ladrilhos do chão. Trazia uma faca na mão direita.

— *Boa-noite, Mabunda!*

Ao ouvir minha voz, o negro teve um estremeção e deu um salto, girando no ar como uma piorra. Na mesma hora, eu lhe apliquei uma pancada com a *Magnurn* no braço armado, obrigando-o a soltar a faca. A lâmina retiniu nos ladrilhos; era um punhal idêntico àquele com que tinham matado o Presidente Natanga. Plantei-me junto do basculante, para cortar a retirada do intruso, e balancei ameaçadoramente a pistola na mão.

— Sossegue, *Muatianvua!* Quero apenas conversar com você!

— Conversa de homem pelado — rosnou o negro — cheira a defunto!

— Sossegue! Você está nas minhas mãos!

Ele ainda deu dois saltos, batendo com a cabeça na porta do banheiro, mas acabou sossegando, depois de mais duas coronhadas. E ali ficou, de pé, no meio do reservado, encarando-me com ar feroz. Usava apenas tanga e colete-arsenal.

— Como chegou até aqui? — perguntei. — Ninguém o viu atravessar a cidade, nesses trajos?

Ele resmungou qualquer coisa incompreensível; logo, sua voz tornou-se clara:

— Um amigo meu me trouxe, num jipe, e está esperando lá fora. Despi as roupas no quintal do hotel, para poder escorregar pela janela do banheiro. Como sabia que eu vinha aqui e ia entrar pelo banheiro?

— Não sabia. Pura dedução. Mas sabia que você tinha interesse em se encontrar com a senhorita Sandra Deutch-Brown... Quem é o amigo que está à sua espera?

— Não posso dizer o nome dele. E a senhorita Sandra?

— Encontra-se, neste momento, comodamente refestelada no vaso sanitário. Sente-se nesse banquinho. Este é um lugar tão bom quanto outro qualquer, para discutir política.

Sandy surgiu na porta do banheiro e encarou o chefe africano com expressão de receio. Sorri para ela.

— Não tenha medo, querida! fie agora não morde. E vai me devolver, direitinho, o meu colete-arsenal! Não é verdade, Mabunda?

O crioulo fez uma careta e despiu o colete. Tal como eu previra, não tinha descoberto nenhum dos bolsinhos secretos e não sabia que aquela peça de vestuário continha mais armas do que um batalhão de infantaria. Limpei cuidadosamente a carcaça de plástico (certificando-me de que as 200 mil libras continuavam num dos bolsos) e vesti-a, colando-a à pele. Enquanto isso, Sandy e o crioulo tinham-se sentado em dois banquinhos do banheiro, encarando-se às furtadelas na meia penumbra.

— É melhor acender a luz — sugeri. — Uma reunião, num banheiro, com as luzes apagadas, pode causar estranheza aos funcionários do hotel...

Eu próprio torci o botão do comutador, inundando o recinto de claridade. O *soba* estremeceu, sob a chicotada da luz, e baixou os olhos para as pernas nuas.

— Perdoe-me, senhorita — murmurou ele, encabulado. — Eu devia ter trazido minhas calças vermelhas e meu chapéu de cerimônia...

— Onde está o contrato? — perguntou Sandy, criando coragem.

— Vim fazer negócio com ele — volveu o negro, suspirando. — Vocês mataram todos os pigmeus e muitos dos meus *quiocos*! A matança de Mataíbebe ficará na História! Quero apenas dez mil libras esterlinas pelo papel. Senhorita Sandra é a secretária de um grande capitalista português, para quem dez mil libras não é nada. Para nós, selvagens, esse dinheiro é uma fortuna! Com ele, espero mudar-me para Katanga, onde a vida é mais fácil. Rompi com o Patrão, senhorita Sandra!

— Rompeu?

— Sim. Trabalhei para ele muito tempo, comandando os vampiros, mas resolvi continuar por conta própria. Não gosto dos brancos, porque eles sempre perseguiram a minha raça. Por isso, continuei agindo, mesmo depois que o Patrão me mandou parar. Agora, quero dez mil libras!

Também me sentei, nos ladrilhos, com a *Magnum* no colo.

— O contrato está com você, Mabunda?

— Não. Claro que não. Não sou bobo. O contrato só aparecerá contra a entrega das dez mil libras.

— Tolice — retruquei. — Aquele papel não vale tanto. A senhorita Sandra pode assinar outro documento com o Presidente.

— Quero dez mil libras — repetiu o negro teimosamente. — Não é fácil redigir outro contrato, no Sunda, e mais difícil ainda obter uma cópia em Lisboa. O papel em meu poder já está assinado e pronto para uso. Quero dez mil libras, para ir embora de Angola!

— Que é que você acha? — perguntei à lourinha.

— Esse crioulo está maluco — disse ela, com um sorriso forçado. — Não tenho tanto dinheiro para lhe dar, O que ele está fazendo é uma chantagem. E, se houvesse um cavalheiro neste recinto...

— Tem razão — atalhei, levantando-me. — Vamos tirar-lhe o documento e entregá-lo à polícia!

O *soba* também se levantou, apavorado, e correu para o basculante. Corri atrás dele, pedi licença a Sandy (que virou pudicamente o rosto) e arranquei a tanga do *Muatiônvua* do Mataíbebe. Um caderno de papel, tamanho almaço, caiu no chão.

— Maldito! — rugiu o crioulo, pulando para cima do documento.

Pulei ao mesmo tempo em que ele e apliquei-lhe uma cutilada na nuca que o atirou a dois passos de distância, completamente grogue. Sandy foi a terceira a pular, agarrando o tratado e enfiando-o rapidamente no seio, por dentro do *penhoar*.

— Agora — disse ela, com voz altiva — espero que nenhum dos cavalheiros queira me tomar o papel!

— Não — respondi, sorrindo. — Eu o apanhei para você, meu bem. Não me interessam contratos para a exploração do petróleo; o que me interessa é a confissão do responsável pela vinda dos vampiros para Angola! E vou obter essa confissão!

Ainda estonteado pelo golpe na nuca, o *soba* do Mataíbebe encarava-me, sacudindo a cabeça; depois, ao ter consciência de sua nudez, correu a vestir a tanga.

— Perdão — murmurou, mostrando os dentes pontudos. — Eu devia, realmente, ter trazido minhas calças vermelhas!

— Agora, fale! — ordenei, com voz dura. — Como foi que você travou conhecimento com o Patrão?

O negro começou a se lamentar. Esperei que se acalmasse e repeti a pergunta, erguendo a mão espalmada no ar. Ele defendeu o pescoço, enquanto sacudia a cabeça.

— Não posso falar, senhor Durban! Mesmo que quisesse, não poderia revelar o nome do homem que nos pagou! Nunca vi o Patrão. Ele nunca se mostra a ninguém.

— Acredito que não o tenha visto, mas sabe quem ele é!

— Não sei! Conheço, apenas, os seus intermediários. E só sei que ele queria a morte do Major Natanga.

— No entanto, também foi ele que financiou a revolução do Sunda, com prejuízo para a coalizão APERTA-SANGRA! Ou seja, foi ele quem armou o próprio Major Natanga!

— E verdade. Foi o Patrão quem teve a idéia de fazer a revolução separatista, trazendo os mercenários brancos para cá. Mas, depois, o Patrão me contratou, por intermédio de um amigo, para que eu fosse buscar uma tribo de pigmeus-vampiros no interior do Congo e matasse o Major Natanga. O Patrão queria dar ao crime uma aparência de desinteligência entre africanos. Elegi os melhores vampiros do Congo, senhor Durban, e os escondi na colina oca de Mataíbebe. Dali, nós saímos, ao cair da noite, e atacávamos os mercenários distraídos, tentando chegar ao Presidente Natanga. A ordem era para matar o Presidente, mas falhamos. Não fomos nós que o matamos!

— Mostre-me os dentes!

Ele arreganhou os beijos. Examinei-lhe a arcada dentária (com a meticulosidade de um dentista em busca de uma cárie) e vi que seus dentes eram pontudos por natureza. Isso afastava a minha última dúvida sobre a identidade do matador do tio de M'bata.

— Certo, Mabunda — suspirei. — Estou satisfeito. Quem lhe entregava os bilhetes do Patrão?

O *soba* tentou mudar de assunto, mas uma pancada com o cabo da *Magnum*, no alto da cabeça, acabou por decidi-lo a falar.

— Fernando Tabu — respondeu, cheio de má vontade. — Foi o piloto do helicóptero que sempre me entregou os bilhetes e o dinheiro. Mas, agora, Fernando morreu.

— Quem ficou no lugar dele?

— Não sei. Talvez o próprio Patrão.

— E seu amigo?

— Meu amigo não é o Patrão; também é um intermediário.

— Então, *you* sabe quem é o Patrão!

— Não, senhor Durban! Não sei! Contudo — acrescentou, entrecerrando os olhos — tenho um palpite. Pode ser que eu saiba, afinal, quem é o Patrão!

— Então, fale. Se você me disser tudo o que sabe, não será entregue às autoridades. Caso contrário, pagará pelos seus atos de terrorismo! O Patrão mandou você parar, mas você continuou atacando os homens brancos! Você também continuou ameaçando o Governo do Sunda! Tenho certeza de que o Presidente Cazumbuca gostará de lhe pôr as mãos em cima!

O chefe negro coçou a cabeça, refletindo. Olhei para Sandy e vi que a loura se mexia nervosamente.

— Minha idéia é a seguinte — disse o *soba*, encarando a lourinha. — O Patrão tem mais de um elemento no Governo do Sunda. Portanto, ele pode ser...

O resto da frase foi abafada pelo estrondo de dois tiros, partidos do basculante. Ergui rapidamente os olhos e ainda tive tempo de ver uma mão negra, armada com uma pistola, desaparecendo pela abertura da parede. O *Soba* Mabunda soltou um grito e pôs-se a pular pelo banheiro, espirrando sangue para todos os lados; em seguida, caiu de bruços, encolheu as pernas e ficou imóvel. Tinha dois buracos de bala na cabeça.

— Santo Deus! — exclamou Sandy, apavorada. — Não fui eu! Desta vez juro que não fui eu!

— Claro que não — respondi, espiando pelo basculante.
— Que estupidez, matar o pobre negro, para que ele não falasse! Eu também já sei quem é o Patrão!

Não vi nada no quintal do hotel. Mas não era preciso identificar positivamente o atirador. A mão negra, armada com a pistola oficial, saíra de dentro da manga de um uniforme cinzento com as divisas de Tenente-Coronel.

O ASSASSINO E O ESPIÃO

Os Dois tiros tinham acordado todo o hotel. Após espiar pelo basculante, agarrei no braço de Sandy e arrastei-a para a porta. Girei a chave e abri. Mal saímos para o corredor, surgiram hóspedes estremunhados de um lado e outro. Não tive tempo de voltar a fechar a porta; só nos restava fingir que tínhamos chegado naquele momento.

— Que horror! — gritou Sandy. — Um homem morto na privada!

Uma pequena multidão nos envolveu, cheia de natural curiosidade, e passou por nós, invadindo o banheiro. Recuamos e fugimos dali. À porta do quarto de Sandy, despedi-me da inglesinha (com um beijo) e continuei a marcha, entrando no meu quarto. A porta que comunicava com a alcova de M'bata estava aberta e a linda crioula, desperta, tinha se sentado na cama.

— Que barulho foi esse? Pareciam tiros?

— Mataram o *Soba* Mabunda — anunciei brevemente.
— Recuperei o colete-arsenal, mas não fui eu. Foi um amigo dele, que esperava num jipe. Agora, vamos dormir.

Eram cinco e meia da manhã. Minha noiva suspirou e saltou da cama, correndo para os meus braços. Dormi com

ela em cima do peito. Fomos acordados, às dez e meia da manhã, por batidas na porta. Era Sandy, fresca e sorridente, vestida com um novo traje de caçadora, estilizado. Fiz com que ela entrasse e fechei a porta.

— Então?

Ela alargou o sorriso, que lhe fazia covinhas nas faces.

— Acabei de receber uma visita, no *living*, mas evitei que vocês fossem incomodados. A polícia acha que o *Soba Mabunda* foi morto por um parceiro, depois de uma discussão por causa do jogo de dados.

— Dados? — perguntei, espantado. — No banheiro do hotel?

— Sim. Encontraram um par de dados nas mãos do cadáver.

— Não é possível! Ele não tinha nada nas mãos!

— A polícia acha que tinha. Muitos negros inocentes serão presos por causa disto, e algum deles acabará confessando. Mas nós já não estaremos aqui, para assistir à injustiça...

— Quando voltaremos para Lisboa?

— Depois do almoço. O helicóptero ficará pronto por volta do meio-dia. E o Presidente Cazumbuca convidou-nos para almoçar no palácio.

— Ótimo. Se ele não me convidasse, eu iria aparecer assim mesmo — voltei-me para M'bata. — Você já percebeu, não é, meu bem? Foi o Presidente Cazumbuca quem matou seu tio!

E, deixando a garota de boca aberta, fui para o banheiro (contíguo), onde fiz a barba e tomei banho. Meia hora depois, saímos do hotel, deixando as malas preparadas na portaria. Um jipe do Exército Nacional nos levou ao bairro

de Petrolina. Pelo caminho, o chofer do veículo (que se mostrava muito nervoso) não pôde deixar de comentar:

— A situação não está boa, na fronteira! Acabaram de chegar notícias de que a *Linha Salalé* foi rompida!

— Como? Os expedicionários portugueses venceram as formigas?

Ele continuou, muito sério:

— Assim parece. Depois de um mês e meio de estudos, o Batalhão de Engenharia A. Ferro dinamitou os formigueiros, destruindo-os. Agora, os carros blindados já poderão passar! Não sei, mas é provável que as povoações da fronteira comecem a cair, uma a uma, e nossos inimigos tomem a capital de Lochas. Se Lochas cair, Tchibungo vai atrás. Eles são mais organizados do que os nossos guerrilheiros e têm canhões de 30 milímetros. Consta que já morreram quinhentos sundaenses, depois de reiniciada a ofensiva geral!

Chegamos ao palácio e, realmente, encontramos o QG rebelde em polvorosa. Soldados e oficiais (mal-vestidos) entravam e saíam do prédio, levando no rosto cinzento uma expressão de pânico. Havia uma barricada de sacos de areia na praça, em frente aos *derricks* dos poços de petróleo, e uma faixa de pano, estendida por cima das altas armações metálicas; nessa faixa estava escrito, em letras gigantescas:

“NÃO ATIREM! PETRÓLEO!”

Entramos no saguão do palácio e fomos atendidos por um oficial estrábico (mulato claro) que ficara no lugar do Capitão Banguela. Também ele tinha, no rosto, uma expressão de gravidade.

— Sou o Major Lobinho — apresentou-se, sem desfazer a carranca. — O almoço será servido no abrigo antiaéreo por medida de precaução. Estamos à espera de um ataque das forças invasoras portuguesas. o perigo agravou-se com a queda da *Linha Salalé* e o extermínio total das formigas sobreviventes. A qualquer momento os imperialistas de Lisboa começarão a bombardear a capital. Culongo e Mamo-Jambo já caíram em poder do segundo Batalhão de Infantaria, sob o comando do Duque de Caqueras Altas, oriundo de uma tradicional família alentejana. Perdemos quinhentos homens; oitenta morreram ou ficaram feridos e quatrocentos e vinte aderiram aos portugueses. A matança continua.

— De negros?

— Não. De formigas. Agora, estão usando DDT.

— Mas haverá almoço? — perguntei, preocupado. — Onde está Sua Excelência, o Presidente?

Ele fez um gesto vago.

— Sim, claro. Haverá almoço, embora talvez não haja jantar. Sua Excelência, o Presidente, subiu agora mesmo para seu gabinete, apavorado com as últimas notícias chegadas da fronteira. Receio que ele prefira ficar a sós, num momento de tal dramaticidade, mas... Tenham a bondade de subir. Os amigos são para as ocasiões.

Quando subíamos a escada interna, vi que o Major Lobinho tinha uma pistola na mão. Ainda perguntei, por cima do ombro:

— O senhor pretende defender o palácio, sozinho, com essa *Mauser*?

— Não — respondeu ele, com voz rouca. — Darei um tiro na cabeça, logo que os inimigos aparecerem! De

qualquer maneira, a pena para os desertores e os subversivos á a morte!

O Presidente Cazumbuca estava no seu gabinete do sobrado, sentado à secretária, com os óculos na mão e os olhos rasos d'água. A sentinela da porta também chorava, assoando o nariz na túnica, O ambiente era contristador.

— Alô, excelência! — saudei. — Noticias chatas, hem?

O gigantesco crioulo ergueu-se, pôs os óculos em cima do nariz e procurou disfarçar o seu aspecto lamentável.

— Estamos queimando os últimos cartuchos, senhor Durban! O futuro do Sunda se decidirá hoje! Os informes vindos da fronteira são os mais desencontrados possível; dizem, até, que os *ballundos* e *ganguelas* estão comendo os *quissamas* e os *liholos*! Se os portugueses atravessarem a ponte de Pomba-Gira, sobre o Pinga-Fogo, não haverá mais esperanças para nós! O Sunda cairá, outra vez, nas mãos dos imperialistas!

— E o nosso contrato? — quis saber Sandy, piscando os olhos azuis.

— Fica sem efeito — respondeu o Presidente, com voz surda. — Mas o doutor Alves Beça não perderá muito com isso, pois poderá assinar outro acordo com o Governo da Metrópole. Apenas terá que pagar um *royaltie* maior, como vinha pagando há muitos anos. Estou abalado pelos últimos acontecimentos — prosseguiu, com voz trêmula. — Perdoem-me a emoção. Isto é como um castigo dos céus!

E olhou angustiadamente para o tampo da secretária.

— O crime não compensa — disse eu, encarando-o.

Houve urna pausa. O Presidente ergueu lentamente os olhos e abriu a boca, mas não disse nada. Seus dedos tamborilavam nervosamente sobre a caixa dos óculos, vazia,

pendurada no cinto. Depois de meio minuto de silêncio, o supremo governante do Suada começou a chorar silenciosamente. As lágrimas deslizavam pelo seu rosto negro, cavando estradas ainda mais escuras.

— O senhor já sabe, senhor Keith Durban?

Olhei para as mãos dele. Não estava armado.

— Sim, já sei. Foi o senhor quem matou o Major Natanga, para assumir o Governo!

— Crime político — justificou ele, com a voz molhada de lágrimas. — Não sou um assassino por temperamento! Apenas cumpro ordens!

— Ordens do Patrão! — acusei.

— Exatamente, senhor Keith Durban. Ordens do Patrão. Quando eu ainda era Vice-Presidente do Governo Revolucionário, avistei-me com o Patrão e concordei em servir aos seus interesses. Nós dois, *juntos*, planejamos a morte de Natanga, para que eu assumisse o controle do Governo. Logo que recebi um bilhete do Patrão, tratei de agir. Natanga se revelara um homem da esquerda e isso era contrário à felicidade do povo sundanense. Foi por patriotismo que aderi ao Patrão e não por causa dos miseráveis cem mil dólares que ele me pagou! Acima de tudo, sou um patriota, senhor Keith Durban!

— O senhor é um assassino!

Minha acusação brutal soou como uma chicotada. M'bata e Sandy olharam para mim, apavoradas, e depois fitaram a porta do gabinete com medo de que a sentinela me ouvisse. Mas o Presidente Cazumbuca estava arrasado pelos remorsos.

— O que foi que me denunciou? — perguntou com voz abafada.

— Seus dentes — respondi. — A dentada do falso vampiro, no pescoço do Major Natanga, foi feita por uma dentadura certinha, de dentes largos e iguais. Nenhum dos outros personagens envolvidos na história tem dentes assim. Sua dentadura postiça, excelência, era a única que se adaptava àquelas marcas peculiares. Ora, se o senhor mordeu o cadáver, logicamente também o apunhalou; não teria sentido que o senhor mordesse sem apunhalar.

— Sim — voltou ele, abatido. — Eu o matei, após a reunião ministerial, e escapei pela janela. Os vampiros falharam. O tempo se passava e o Major Natanga cada vez se tornava mais forte, ameaçando entregar o país aos comunistas da linha de Moscou! Eu sou mais favorável à linha de Pequim, embora ponha os destinos do Sunda acima das paixões partidárias. Matei o ditador socialista, por ordem do Patrão, e queimei o bilhete que ele me mandou.

— E também mandou o Capitão Banguela matar a senhora Cauína Caçula!

— Sim, também. Recebi outra ordem do Patrão. A senhora Cauína Caçula não devia falar. Mandeí o capitão matá-la, auxiliado por nosso contato Fernando Tahí, e pus a culpa em cima do senhor. Tudo por ordem do Patrão, que queria que nós nos livrássomos do senhor. Nunca esperei que me descobrissem! Que vai fazer agora, senhor Keith Durban?

— Exijo que o senhor confesse publicamente sua culpa e responda, perante a Justiça, pelo seu crime!

— Que Justiça? — perguntou ele, esperançado. — A do meu Ministro?

— Não. Vamos esperar, para ver em que param as coisas. O senhor será processado pelo novo Governo que for empossado, depois de sua queda.

— Eu vou cair? — murmurou ele, num fio de voz.

— Vai cair, não. O senhor já caiu!

Outra pausa. O enorme crioulo enxugou os olhos, esfregou os óculos na gravata e voltou a sentar-se à secretária. Depois, forçou um sorriso.

— O senhor cairá comigo, senhor Keith Durban!

— Isso é o que veremos! Até agora, nenhum homem me derrubou!

— Tenho provas de que foi o senhor quem matou o Capitão Banguela, na porta do Hotel Central! A autópsia, cujo laudo acabei de receber neste momento, revelou que o capitão foi morto por uma bala de calibre 45, saída de uma pistola *Magnum 357*! Não acha melhor fazermos uma barganha? Eu me calarei e o senhor se calará. Tenho esperanças de entrar num acordo honroso com os portugueses, assinando a rendição em troca de minha vida.

— Não, excelência. O Capitão Banguela morreu quando atacava os mercenários do Sargento Macundo. Foi um ato de guerra. Mas a morte do Presidente Natanga foi um crime frio, premeditado, que não pode ser esquecido! Não aceito a barganha!

Ele se tornou ameaçador; súbito, deu um murro na mesa.

— Então, o senhor será fuzilado!

— Neste momento, excelência, o senhor não tem mais autoridade para mandar fuzilar ninguém! Está preso em nome da lei!

— Que lei? — insistiu ele. — A lei da selva?

— Não. A lei de Aloana. Enquanto a situação não se normalizar, assumirei o controle do Norte de Angola!

Mas só fui Presidente por um minuto; daí a pouco, a porta do gabinete se abriu e entrou um grupo de seis oficiais, fardados de cinzento, com calças curtas e armas na mão. Atrás deles, entrou o Primeiro-Ministro Joaquim Confusa de Oliveira. Para minha surpresa, o magro e elegante mulato também estava fardado.

— Coronel Antônio Cazumbuca — disse ele, com voz sonora — vossência está preso e à disposição das Forças Armadas Lusitanas! O Sunda acaba de cair nas nossas mãos! Acompanhe-nos ao calabouço do Forte Boavida!

— Não! — rugiu o Presidente, pondo-se de pé. — Isto é uma traição, Joaquim! Vocês não podem...

Nunca cheguei a saber qual dos oficiais atirou primeiro; ouviram-se vários disparos e o Presidente Cazumbuca caiu de bruços sobre o tampo da secretária, com a cabeça varada de balas. Imediatamente, todos os papéis se tingiram de vermelho. Protegi M'bata e Sandy com o corpo e enfrentei o grupo de invasores. Mas, depois do crime, os oficiais guardaram as pistolas e permaneceram em posição de sentido. Isso me deu a entender que o fuzilamento do Presidente fora premeditado.

— Senhor Durban — disse o Primeiro-Ministro, encarando-me através de seus óculos de aros de tartaruga. — O senhor acaba de assistir à morte de um assassino! Foi o ditador Cazumbuca que matou o Major Natanga, para assumir tacitamente o poder!

— Já sabia — respondi. — E o senhor, como foi que soube?

— Ele me confessou o crime, numa das reuniões no Ministério, depois de ingerir uma garrafa de uísque. Mas, agora, vamos pacificar o Sunda e reintegrá-lo na comunidade portuguesa. Metade dos soldados rebeldes já se rendeu e entregou os seus facões ao Exército Expedicionário. O senhor sabe quem sou eu, senhor Durban?

E encarou-me arrogantemente. Também fiz uma pose parecida.

— Sei. Já lhe disse que sei. O senhor é o Alferes Henrique Costa de Sousa!

— Era — respondeu ele, desinflando o peito e sorrindo. — Quando me transformei em agente secreto da PIDE, fui elevado ao posto de capitão. E, depois desta nossa vitória, serei o novo Governador-Geral do Distrito do Sunda! Nossas forças armadas acabam de atravessar o Rio Pinga-Fogo, depois de derrotar os franco-atiradores rebeldes em Culongo e Massamão. Os mercenários do Sargento Francisco Macundo tiveram um choque com as Forças Expedicionárias, na altura da aldeia de Roda-Viva, mas foram rechaçados e fugiram para o mato. Morreram apenas algumas centenas de negros, o que não é nada para uma terra populosa como esta. Oficialmente, o Sunda foi recuperado sem resistência, Viva Salazar!

— Viva! — gritou M'bata, que sempre quis sombra e água fresca.

— Sente-se, senhor Durban — prosseguiu o espião português, indicando uma poltrona. — Apenas por pura curiosidade, gostaria de saber como foi que vossência penetrou no meu segredo...

Sandy e M'bata sentaram-se num sofá, enquanto eu me deixava cair na poltrona.

— Eu já andava desconfiado do senhor — respondi, acendendo um cigarro. — Era muito intuitivo que o senhor tivesse sido educado na Metrópole... Mas só descobri que o senhor era o Alferes Henrique Costa de Sousa quando localizei a sua emissora portátil. Lembra-se de que o senhor notou que seus óculos eram iguais aos meus? Acontece que meus óculos não passavam de uma emissora de rádio camuflada...

— Tem razão — disse o mulato, sorrindo e acendendo um charuto, que encontrou em cima da secretária. — Meu transmissor está aqui, na haste direita dos óculos. É um aparelho japonês, de alta sensibilidade. Nunca esperei que estes rádios fossem feitos em serie.

— Mas são. E estão ao alcance de qualquer espião amador.

— Devo-lhe um pedido de desculpas — continuou ele, soprando a fumaça para o alto. — Precipitei-me, movido pelo pânico, quando mandei derrubar o seu helicóptero, na fronteira. Imaginei que vossência pretendia denunciar-me, ou prejudicar o exercício de minhas funções. Era imprescindível, para o bom êxito de nossa campanha em África, que ninguém soubesse que eu era um agente secreto de Portugal, sabotando o Governo Revolucionário do Suada. Aliás, como Primeiro-Ministro, tive muitas oportunidades de sabotar os serviços públicos... e aquilo que os outros ministros costumam fazer por ignorância, eu o fiz preconcebidamente. Mas, agora, felizmente, tudo isso pertence ao passado... e eu não preciso mais usar estes

óculos antiestéticos. Estas malditas lentes têm grau e só me dão dores de cabeça!

— Que acontecerá conosco? — perguntei, apreensivo.
— Eu, minha noiva e a senhorita Sandra Deutch-Brown somos cidadãos estrangeiros. Seremos considerados prisioneiros da nova Administração? Nesse caso, exijo que o Consulado Britânico seja prevenido e...

— Tolices — replicou o oficial lusitano, dando uma risada. — Acabaram-se as perseguições políticas em Angola. O Governo Português sempre pugnou pela paz, senhor Durban, e é tradicionalmente liberal e conservador. Vossência sairá daqui sob a proteção de nossas Forças Armadas, desde que se comprometa a nunca mais cá voltar. Sua missão acaba de ser concluída, com a morte do comunista Cazumbuca, assassino do socialista Natanga. Os vampiros do Congo também não existem mais, pelo menos em Angola. Vossência está livre, senhor Durban.

Estreitei os olhos, com ar suspeito.

— Obrigado, excelência. Deus permita que isso seja verdade. Depois do que vi, nesta terra, desconfio de tudo e de todos! Mas tenho que acreditar em alguém, se quiser continuar a viver neste mundo contraditório! Já agora, que estamos com a mão na massa, seria interessante conhecer também as culpas do Tenente-Coronel Caxumbela... Ou ele é elemento de confiança do Ministério do Ultramar? Se assim for, excelência, fica o dito pelo não dito.

O mulato (sem óculos) voltou a sorrir, com o charuto espetado na boca.

— Não, senhor Durban. O ex-chefe do Estado-Maior do Sunda já foi nosso elemento de confiança, ao tempo da Administração Botucatu, mas aderiu aos separatistas do

Major Natanga e aos rebeldes do Coronel Cazumbuca. Essa atitude tomou-o extremamente suspeito. Ele será preso e responderá pelos seus crimes de lesa-pátria.

— Ótimo — disse eu. — Foi o Tenente-Coronel Caxumbela quem matou o *Soba* Mabunda, no banheiro do Hotel Central, para que ele não falasse.

— Deveras? E o que é que o preto ia falar?

— Ia me dizer quem é o Patrão.

— Que Patrão? — perguntou ele, franzindo o sobrolho.

— Refere-se a Sua Excelência, o senhor Presidente do Conselho?

— Não, não me refiro ao doutor Oliveira Salazar. Refiro-me ao homem que estava por trás dos revolucionários e trouxe os vampiros para Angola! Todas estas “fofocas” foram criadas por esse Patrão!

— O senhor tem uma imaginação muito ardente, senhor Durban.

— Não, não tenho. O Tenente-Coronel Caxumbela também é um elemento de ligação do Patrão e agia na base dos bilhetinhos perfumados com essência de rosas. Ele e o Presidente Cazumbuca sempre se entenderam, porque eram vinho da mesma pipa. Agora, que acabei com os vampiros e descobri o verdadeiro assassino do tio de minha noiva, só me resta castigar o Patrão!

— Esqueça-se disso — retrucou o novo Administrador-Geral do Sunda, com voz fria. — Não temos nenhuma acusação contra esse hipotético Patrão, nem o nome dele consta de nenhum dos nossos relatórios oficiais. Os culpados já pagaram pelos seus crimes, senhor Durban. E melhor, para evitarmos novos aborrecimentos, que não haja nenhum Patrão!

Levantei-me, irritado.

— Mas o doutor Carlos Catinga foi vítima de um...

— Estamos conversados, senhor Durban! — atalhou ele, em tom francamente ameaçador. — Basta de atoardas! A nova Administração-Geral do Sunda, a quem cabe fazer respeitar a lei, decide que não há Patrão! O senhor ainda pretende discutir o assunto?

M'bata e Sandy puxaram-me pelas mangas do paletó, obrigando-me a cair outra vez sentado na poltrona.

— Não, excelência — respondi, contrafeito. — Não temos mais nada a discutir. Se não há Patrão, não há Patrão!

Mas eu sabia que havia — e, também, já sabia como acabar com ele. Nesse momento, a porta do gabinete voltou a abrir-se e surgiu uma figura cinzenta, com uma pistola na mão. Era o Tenente-Coronel Manuel Caxumbela, com a mesma arma com que matara o *Soba* Mabunda. M'bata e Sandy soltaram dois gritinhos de terror e esconderam a cabeça atrás do sofá onde estavam sentadas. O momento era de suspense.

— Capitão Henrique Costa de Sousa — disse o recém-chegado, com voz grave — as gloriosas forças armadas de Portugal acabam de pacificar o Sunda, depois de um mês e meio de distúrbios e subversão comunista. Acabei de ter notícia de que Vossa Excelência, senhor capitão, assumirá o Governo desta Província. Na qualidade de chefe do Estado-Maior do Exército Nacional, ponho-me à disposição de Vossa Excelência, para maior glória de nossa pátria comum! Espero que, pelos meus antigos méritos, já demonstrados na má vontade evidente com que agi durante a revolta do Sunda, eu ainda mereça a confiança do Ministério do Ultramar e possa continuar a servir, com todo

o meu empenho, ao Governo da Metrópole. Devo acrescentar que sou afillhado de Sua Excelência o...

— Vossência está preso — cortou o Capitão Henrique Costa de Sousa. — Prepare-se para responder ao Conselho de Guerra, coronel! Há muitas acusações contra o senhor! E nosso primeiro passo deve ser trazer de volta a justiça ao Sunda, para proporcionar, aos angolanos assimilados, a confiança que eles perderam com os desmandos dos Governos anteriores!

O Tenente-Coronel hesitou, a pistola na mão. Seus olhos procuraram, inutilmente, um lampejo de simpatia nos olhares dos outros oficiais que o cercavam; depois, estendeu a pistola para um tenente.

— Tome, capitão! Entrego-me!

— Sou um simples tenente, coronel.

— Não importa! Agora, nada mais importa! Fui cruelmente traído pela sorte! O senhor podia ser até general!

Em silêncio, o jovem tenente guardou a pistola no cinturão.

— Que espécie de acusações pesam sobre mim? — prosseguiu o Tenente-Coronel, com a voz embargada pela emoção.

Foi a minha vez de participar do drama. Levantei-me da poltrona e enfrentei o homem vencido.

— O senhor é um elemento comprado pelo Patrão, coronel! Foi o senhor quem procurou seu amigo, o *Soba* Mabunda do Alto Chingaqui, e fez com que ele fosse buscar os vampiros no interior do Congo! Também foi o senhor quem matou o chefe africano, no banheiro do Hotel Central, evitando que ele me revelasse a identidade do Patrão! Não será o senhor, mesmo, o Patrão?

O gigantesco crioulo fungou.

— Não, senhor Davies! Não sou o Patrão!

— E eu não sou Davies, sou Durban! Keith Oliver Durban, de Aloana!

— Perdoe-me, senhor Durban. Estou confuso! Não, não sou o Patrão. O Patrão está em segurança e não sofrerá as mordidas dos cães raivosos! Eu terei prazer em me sacrificar por ele!

— Confessa, então?

— Confesso! Confesso que agi sob as ordens escritas do Patrão, a quem tive a honra de conhecer pessoalmente, mas tudo o que fiz foi com o intuito de dar ao Sunda um futuro próspero e feliz! O ditador Natanga, pago por Moscou, ameaçava transformar nossa querida pátria noutro satélite soviético; por isso, contratei os vampiros do Congo e pedi ao meu amigo Mabunda que os orientasse, em sua missão terrorista. Mas o imbecil do Mabunda, como todos os pratos ignorantes, exorbitou de suas funções e resolveu continuar a matar mercenários por conta própria! Isto desgostou o Patrão. Ontem à noite, levei meu amigo ao Hotel Central, num jipe do Exército, para que ele devolvesse o contrato à senhorita Sandra Deutch-Brown; porém, quando Mabunda ameaçou delatar o Patrão, minha honra de soldado exigiu que eu silenciasse o traidor! A vida é um jogo, senhor Duncan. Joguei e perdi. Mas o senhor jamais saberá quem é o Patrão!

— E o senhor jamais saberá pronunciar corretamente o meu nome!

— Não existe Patrão — rosnou o Capitão Henrique Costa de Sousa. — O novo Governo do Distrito do Sunda, sediado no Conselho de Lochas do Norte, atendendo aos

desejos de paz e concórdia de todos os sundaenses reintegrados na Pátria Mãe, declara que não existe Patrão!

O silêncio que se seguiu a esta declaração foi tão completo que se ouviu o esguicho do petróleo, lá fora, nos poços de Petrolina. Depois, o Tenente-Coronel Caxumbela perfilou-se, fez continência e deixou-se levar para fora da sala, entre dois oficiais graduados. Só então Sandy recuperou o uso da palavra:

— E eu? — perguntou, dirigindo-se ao Capitão Henrique Costa de Sousa. — Também estou livre?

— Sem dúvida — disse o mulato, galantemente.

A senhorita é hóspede oficial do Governo, como representante das Organizações Beça. Nós sempre mantivemos, com a APERTA-SANGRA, as melhores relações comerciais e espero que, depois deste desagradável interregno, tudo volte ao que era dantes, no quartel de Abrantes... O helicóptero particular do Administrador-Geral estará pronto esta tarde, senhorita Brown, e a senhorita viajará nele para Uije, de onde poderá seguir mais facilmente para Lisboa. O senhor Durban e sua noiva irão também, está claro. Esperemos que, assim, tenhamos acabado a história com um final feliz...

— Ainda não — resmunguei para mim mesmo. — Ainda falta agarrar o Patrão!

— Como disse? — perguntou o Capitão Sousa, encarando-me.

— Digo que tenho muita satisfação — respondi, com um sorriso amarelo. — É muita gentileza de sua parte, pôr o helicóptero à minha disposição. Claro que irei embora com a senhorita Sandra. E nunca mais voltarei ao Sunda.

Nisso, estouraram gritos e aplausos, lá fora, entre os operários do poço de petróleo. Aproveitei a distração dos circunstantes para apanhar os óculos do espião da PIDE (que ele jogara em cima da mesa) enfiá-los num bolso. Os gritos e os aplausos, em frente ao Palácio do Governo tornaram-se ensurdecedores. Estouraram foguetes que, naquelas circunstâncias, pareciam salvas de artilharia.

Corremos para as janelas e vimos uma fila de soldados, marchando garbosamente ao som de um dobrado. Era o primeiro contingente do Exército Expedicionário Português que entrava em Lochas, fazendo alarde de seu poderio militar. Pouco depois, pudemos ouvir o rolar dos carros de assalto, no bairro comercial da capital sundaense. A cidade toda se embandeirava, para receber de volta os valentes soldados portugueses, que lhes traziam a esperança de uma nova etapa de paz e trabalho, enquanto outra revolta não estourasse naquela terra soffredora. Eu, M'bata e Sandy voltamos para o hotel (depois de termos recusado um amável convite para almoçar com o novo Administrador-Geral) e fomos comer vatapá no restaurante. Em meu ouvido ainda soavam as últimas e ameaçadoras palavras do Capitão Henrique Costa de Sousa:

— Em nome do meu Governo, senhor Durban, devo adverti-lo que não há Patrão! *Não há Patrão, entendeu?*

O prédio do hotel também estava florido e a bandeira portuguesa drapejava num mastro, no alto da fachada. Parecia dia de festa. Aliás, para muitos privilegiados, era realmente dia de festa.

— Creio que devo rasgar o tratado que assinei com o Presidente Caxumbela — resmungou Sandy, enquanto mastigava o peixe com camarão. — Agora, com a volta do

domínio português ao Sunda, aquele documento perdeu o valor. Mas, não! Vou levá-lo para Lisboa, como *suvenir*! Tenho que pedir novas instruções, ao doutor Beça, mas desde já presumo que ele assine outro contrato com o Governo da Metrópole, ratificado pelo Governo do Sunda, recomeçando a exploração do petróleo do ponto em que foi interrompida. Fiz um levantamento dos estoques e verifiquei que há mais de um milheiro de barris de gasolina, de 180 litros cada um. O doutor Beça não vai gostar nada disto, pois as condições do negócio com o Presidente Cazumbuca eram bem mais vantajosas, sob o ponto de vista financeiro. Mas sempre salvamos a Companhia...

— Irei com você até Lisboa — disse eu, tirando os óculos do espião português do bolso e procurando sintonizar o receptor. — Quero cumprimentar o doutor Beça pela excelente secretária que tem. Você é maravilhosa, Sandy! Portou-se muito bem, na defesa dos interesses de seu chefe! Por falar nisso: o doutor Beça é apenas seu chefe, não é?

Ela me encarou, com os olhos azuis sorridentes, tendo um pedacinho de pão entre os dentes de coelho.

— Que é que você acha? É?

— Acho que não, meu bem. Acho que ele é seu pai!

Enquanto M'bata arregalava os olhos, varada pelo assombro, a lourinha deu uma risada, que lhe pôs à mostra as covinhas das faces.

— Quase que você acertou, Keith Oliver Durban. Você também é um espião extraordinário! Espero que, durante a sua permanência em Lisboa, mantenha a maior discrição... Moisés não é meu pai, é meu marido. Há seis meses que eu sou a senhora Sandra Alves Beça!

Foi então que o rádio-óculos apitou e uma voz estridente soou na haste esquerda:

— Está lá? Está lá?

Encostei o microfone à boca e perguntei:

— Sargento Macundo?

— Não — respondeu a voz, com forte sotaque português. — O sargento perdeu os óculos em combate. Aqui fala o Duque de Caqueras Altas. Quem está lá?

— Desculpe — disse eu, desligando o aparelho. — É engano. Número errado, companheiro...

E, AFINAL, O PATRÃO

Desiludido de obter notícias do Sargento Macundo, conformei-me em ir embora sem me despedir dele. De todos os estranhos personagens que eu conhecera na África, o jovem mercenário me parecera o mais leal e bem intencionado, apesar de sua forte inclinação para a matança; intimamente, desejei-lhe felicidades, em sua luta para que as condições de vida, em Angola, mudassem para melhor.

Às três horas da tarde, um oficial do Exército Expedicionário (um sujeito careca e de bigodes) apareceu no hotel, convidando-nos a acompanhá-lo. Outros dos soldados silenciosos apanharam as nossas malas, colocando-as num jipe. Fomos levados para uma espécie de heliporto militar, onde o helicóptero do falecido Fernando Tahí (com a bandeira azul e branca) esperava por nós. O aparelho fora perfeitamente consertado e não tinha vestígio do acidente que o vitimara. Seu novo piloto era o oficial careca e bigodudo.

Levantamos vôo e atravessamos a extremidade sul do Suada, cruzando por cima de uma ou outra aldeia pacificada, com bandeiras portuguesas no alto das cubatas. Ao atravessarmos a fronteira (guarnecida por tropas expedicionárias) vimos que os altos formigueiros das *salalés* não existiam mais; tinham sido substituídos por fundas trincheiras, onde se aninhavam soldados portugueses. Logo que o vôo do helicóptero se tornou monótono, M'bata pediu a Sandy que voltasse a abordar o assunto que a deixara cheia de curiosidade:

— Você é, mesmo, casada com o doutor Beça?

A inglesinha sorriu, mostrando as covinhas das faces.

— Sim, meu bem. Casamo-nos, em fins de fevereiro passado, sem grande publicidade. Eu me revelei uma secretária tão eficiente que o diretor das Organizações Beça não pôde resistir a me dar o seu nome... Ele era viúvo, você sabe... Moisés está apaixonado por mim, mas... Pediu-me em casamento, pensando que poderia haver um milagre, mas... Sou sua esposa oficial, mas...

E a linda garota devorava-me com o olhar. Então, M'bata mudou de conversa, enquanto seus olhos negros e desconfiados substituíam os da loura, no exame do meu rosto.

— Haverá necessidade de descermos em Lisboa, meu *soba*? Você já fez jus às duzentas mil libras que tem no bolso e já sabe quem foi que matou titio... Podemos desembarcar a senhorita Deutch-Brown... digo, *Madame* Alves Beça... em Cascais e seguir viagem para o Havaí. Estou morrendo de saudades de Aloana!

Dei-lhe um beijo no queixo.

— Não, filhinha. Não seria delicado largar a esposa do doutor Beça em Cascais, de pára-quedas, e continuar a viagem para a América. Temos que dar uma satisfação ao famoso banqueiro lisboeta. Ele foi muito gentil para conosco.

Embora contrariada, M'bata aquiesceu. No íntimo, tinha esperanças de que não passássemos a noite na capital portuguesa. Como todos os lobos, Nocaute Durban é mais perigoso nas sombras da noite...

Baixamos no Aeroporto de N'Gage, em Uije, e fomos alegremente recebidos pelo Capitão Souto Menor, que logo se pôs à nossa disposição. O oficial lusitano exultava com a vitória das armas portuguesas na insurreição do Sunda e com a volta daquela província à normalidade. Jantamos na cantina dos oficiais (ao lado do aeroporto militar) e passamos para bordo do meu Fantom-13, que já esperava por nós na cabeça de uma pista. Testei o jato e vi que estava em perfeitas condições, inclusive com o tanque cheio.

— É um excelente aviãozinho — comentou o Capitão Souto Menor. — Dou-lhe os parabéns, senhor Van Loon. A gasolina é de Lochas, muito rica em octanas; foi tratada na nossa nova refinaria de Luanda. Espero que façam uma ótima viagem. Transmitam, por obséquio, os meus cumprimentos ao doutor Alves Beça.

Às oito da noite já estávamos outra vez no ar, sobrevoando a República do Congo. A viagem transcorreu normalmente. As condições atmosféricas eram tão boas que passei seis horas dormindo, deixando o avião sob o controle do piloto automático. Chegamos a Lisboa às onze e quinze da manhã dessa terça-feira (Dia de Consuelo) pousando, sem incidentes, no Aeroporto da Portela. Alguns agentes

policiais, disfarçados de funcionários do aeroporto, procuraram conhecer meus projetos, para ver se conferiam com o relatório oficial. Disse-lhes que meu aviãozinho seria reabastecido e devia estar pronto para levantar vôo nessa mesma tarde. Sandy, depois de identificada, não foi mais incomodada pela polícia.

— Vossência não passará a noite em Lisboa? — perguntou um agente da PIDE, admirado. — Não é amigo do senhor Fernando Soromenho?

— Não — respondeu M'bata. — Eu e meu noivo passaremos a noite a bordo, de volta para Aloana. Não temos mais nada a declarar!

Depois, ainda forcei o agente da PIDE a ter uma conversinha particular comigo, num reservado do aeroporto, deixando-o de boca aberta. Alguns fotógrafos dos jornais bateram chapas de nossa chegada (com permissão das autoridades) e logo ficamos livres do aeroporto. O doutor Alves Beça tinha mandado um automóvel ao nosso encontro (um Cadillac negro, com cortinas vermelhas) e foi nele que nos dirigimos para Cascais. O chofer usava óculos escuros; apesar disso, reconheci nele o vigia da propriedade do banqueiro, o sujeito alto e magro que não se chamava Alberto. A viagem de automóvel foi mais cansativa do que a de avião, mas ainda não eram duas horas, da tarde quando o Cadillac subiu a colina e freou em frente à escadaria do velho castelo mourisco onde habitava o famoso capitalista. O chofer (de óculos escuros e bigodes arrebitados) encarregou-se de entregar as malas de Sandy ao mordomo gordo e mole que surgiu no portão principal da fortaleza.

— Estimo que tenham feito boa viagem — disse o mordomo, cumprimentando a lourinha com especial

deferência. — O doutor Beça espera-os para o almoço, no salão azul. O doutor Américo também esperou, para almoçar com os distintos africanistas... Tenha a bondade de me dar o seu chapéu, senhor Van Loon.

Tive a impressão de que o criado estava nos “gozando”, mas não disse nada; os costumes, em Portugal, podiam ser diferentes de Aloana...

— Subam e esperem-me no gabinete de meu marido — disse Sandy. — Vou mudar de roupa num instante e já volto. Encontrar-nos-emos no salão azul. Hoje é dia de feijoada à brasileira.

Achei estranho que ela protelasse o feliz encontro com o marido, mas também não disse nada. M'bata estava encantada com a decoração bizantina do castelo; cada móvel, por mais incômodo que fosse, era um motivo de satisfação para ela. O mordomo nos encaminhou à ante-sala, também mobiliada em estilo bizantino, onde encontramos o secretário do dono da casa. O pequeno e alourado Américo da Silva saiu de trás de sua secretária (quase tão alta quanto ele) e cumprimentou-nos afavelmente, declarando que o doutor Beça poderia ser visto dentro de cinco minutos. Tudo, naquele castelo, era meticulosamente cronometrado. Perguntei a mim mesmo se o famoso banqueiro também respeitaria o horário para satisfazer as suas necessidades fisiológicas. Ou a paralisia teria lhe afetado os intestinos?

Serviram-nos uísque escocês, legítimo, com bolinhas de gelo coloridas. Cinco minutos depois, pudemos atravessar os reposteiros *bordeaux* que tapavam a porta do gabinete particular do doutor Alves Beça. O milionário recebeu-nos sentado na sua cadeira de rodas mecânicas, que deslizava

tocando o fado “Nem Às Paredes Confesso”. Seu rosto pálido, de expressão bondosa, estava aberto num sorriso angelical.

— Que alegria em vê-lo, senhor Van Loon! Espero que minha secretária tenha voltado com tão bom aspecto físico quanto o amigo! Então? O que me conta de Angola? Aqui, neste castelo isolado, morro de ansiedade, sem ter notícias do que se passa no resto do mundo...

— Por que não pergunta pelas novidades ao seu secretário? — repliquei, com um sorriso venenoso.

— A radioemissora do doutor Américo da Silva não deve fazer parte, apenas, da decoração do castelo...

— Radioemissora? — estranhou o paralítico, arregalando os olhos. — Onde é que vossência viu uma radioemissora, senhor Van Loon?

— Está escondida na secretária do doutor Américo, na ante-câmara. Reconhecia-a pelo fio da antena, embutido na parede. Suponho que seu secretário esteja em contato com vários postos de informações, em várias partes do mundo, até onde chegam os interesses financeiros das Organizações Beça. Inclusive Angola.

O paralítico ficou sério; seu rosto perdeu toda a expressão angelical.

— Vossência é muito esperto, senhor Van Loon. Esperto demais, diria eu.

Tirei um cachimbo (especial) do bolso e enchi-o de tabaco.

— Meu nome é Durban, senhor Beça, e o senhor sabe disso. Sua encantadora esposa, a senhora Sandra Deutch-Brown Alves Beça, já deve ter-lhe contado tudo, nestes

cinco minutos em que nos fez esperar... Será melhor, por todos os motivos, que ela saia de trás da porta.

Houve uma pausa, desagradável; em seguida, um reposteiro roxo correu para o lado (ao fundo do gabinete imerso na penumbra) e a inglesinha apareceu, sorrindo, com as covinhas nas faces. Seu lábio inferior continuava graciosamente espichado para fora, numa expressão de desdém.

— Nada lhe escapa, Keith Oliver Durban — disse ela, sentando-se no braço da cadeira de rodas e abraçando o pescoço do marido. — Está claro que eu já conversei com o meu maridinho... Mas também está claro que ele já sabia de tudo... de tudo, mesmo. Moisés sempre sabe de tudo. Seu serviço de informações é perfeito. As Organizações Beça têm agentes em todas as partes do mundo.

— Eu já sabia — respondi, acendendo o cachimbo. — Descobri isso logo que compreendi que o doutor Beça era o Patrão!

M'bata soltou um gritinho de surpresa. O paralítico estava sério.

— Então, vossência já sabe?

— Já. Tive a primeira suspeita ainda em Aloana, antes de me envolver nesta aventura, quando o doutor Carlos Catinga foi assassinado. Quem mais poderia ter posto aquele escorpião negro, com o poder venenoso aumentado, na valise do doutor Catinga, *aqui em Lisboa*? Quem mais, senão o doutor Alves Beça?

— Como sabe que o preto esteve em Lisboa? — rouquejou o banqueiro. — Quem lhe disse?

— Ninguém me disse. Havia um rótulo de um hotel de Lisboa na valise do doutor Catinga. Supus que ele tivesse se

avistado com o Presidente da SANGRA, em Cascais e recebido um escorpião de presente.

Sandy e o marido trocaram um olhar aflito. Mas o parálítico não perdeu o sangue-frio; apenas deixou de me tratar por “vossência”.

— O senhor não poderá provar, nunca, que eu tenha matado o preto! Se ele esteve em Lisboa, antes de ir a Aloana, sua pista não pode ser levantada! Ninguém o viu! Ninguém pode provar que ele tenha estado no meu castelo!

— Onde é que o senhor cria os escorpiões? — perguntei sorrindo. — Na sua alcova? Aos pés da cama?

— Na adega, senhor Durban. O senhor talvez tenha oportunidade de ver, de muito perto, o meu viveiro de aracnídeos. Meu chofer, Pedro Paredes, é o encarregado de alimentar os bichinhos e untar-lhes os ferrões com curare. Às vezes, exporto escorpiões para a própria África, quando se torna necessário que algum político negro morra de morte *natural*... Sabe por que o senhor ainda está vivo, senhor Durban?

— Sei. Sua encantadora esposa intercedeu por mim.

— Exatamente. — E o parálítico sorriu afetuosamente para Sandy. — Minha ex-secretária, agora transformada em esposa amantíssima, gostou do senhor e pediu-me que o poupasse. Poupei-o durante estes dias todos, senhor Durban, mas agora não posso mais me arriscar a deixá-lo vivo! O senhor caiu na boca do lobo! Não sairá mais do Castelo de Cascais!

— Não precisarei sair. A polícia de Salazar virá me buscar.

— O senhor preveniu a polícia? — perguntou o banqueiro, empalidecendo ainda mais.

— Mentira dele — atalhou Sandy. — Vigiei-o o tempo todo. Ele não se comunicou com ninguém, desde a chegada a Lisboa.

— Como vê — volveu o homem da cadeira de rodas, sorrindo outra vez — minha esposa-secretária é muito eficiente... Eu diria, mesmo, que ela é insubstituível! Lamento que aqueles pretos do Soba Mabunda tenham lhe dado um tremendo susto, raptando-a do hotel de Lochas. Aquele rapto não fazia parte do meu esquema, senhor Durban; por isso, apressei-me a dar ordens para que Sandy fosse libertada. O Soba Mabunda resolveu agir por conta própria... *e por isso morreu*. Também foi um dos meus bilhetes que o matou, embora a arma pertencesse ao Tenente-Coronel Caxumbela... Todos aqueles que prejudicam a minha Organização acabam morrendo, de uma forma ou outra. Eu sou invencível, senhor Durban!

— Eu também.

— Respeito a sua fama, mas, desta vez, sua carreira de espião chegou ao fim. O senhor sabe demais senhor Durban. Nos negócios, como na política, é sempre perigoso saber demais...

— Sei muito, mas ainda não sei de tudo, doutor Beça. Por isso é que aqui estou. Não entrei por acaso na boca do lobo; vim a este castelo por meus próprios pés. Há algumas pequenas dúvidas no meu espírito e gostaria de esclarecê-las. Por exemplo: Por que o senhor mandou matar o Major Natanga, se foi o senhor mesmo quem financiou a revolução separatista? E por que financiou a revolução separatista, contra os interesses de sua pátria, se a APERTA-SANGRA tinha um contrato com o Governo da

Metrópole que lhe permitia a exploração do petróleo de Lochas e Tchibungo?

O paralítico apertou um botão, no braço da cadeira de rodas. Imediatamente, o mordomo entrou, com uma bandeja na mão esquerda e uma pistola na direita, O secretário do banqueiro também apareceu, por entre os reposteiros *bordeaux*, com outra arma na mão. M'bata agarrou-se ao meu pescoço.

— Querido — disse Sandy, sorrindo para mim — entregue a sua *Magnum 357* a Miguel ou Américo. Não gostamos de armas de fogo, no Castelo de Cascais.

— Não gostamos — ecoou o paralítico. — Eu nunca uso armas, senhor Durban. Causam-me pavor! Acontecem tantos acidentes, com essas armas! Prefiro os meus bilhetinhos...

Entreguei docilmente a *Magnum* ao mordomo e servi-me de um copo de uísque, enchendo-o até às bordas. Meu anfitrião não protestou, embora tivesse franzido o cenho; realmente, não era muito elegante de minha parte...

— E o almoço? — perguntei, com a mesma falta de educação. — Come-se ou não se come nesta casa?

— O almoço pode esperar — respondeu o Patrão, fazendo uma careta. — Antes de mais nada, gostaria de tirar as dúvidas do espírito de meu convidado... Sentemo-nos, por obséquio.

Ele e Sandy já estavam sentados; puxei M'bata por um braço e fomos nos refestelar num sofá, junto da parede da esquerda. O dono da casa rodou a cadeira, até ficar na nossa frente, com um copo de uísque na mão. O mordomo e o secretário cumprimentaram, em silêncio, e desapareceram,

levando a minha *Magnum*. Mas eu tinha esperanças de recuperá-la, outra vez, com a ajuda da PIDE.

— O senhor me perguntava, senhor Keith Oliver Durban...?

Em primeiro lugar, por que vossência provocou a revolução no Sunda?

O sorriso do homem na cadeira de rodas acentuou-se. Ele rodou a cadeira até à frente do enorme mapa de Angola, pendurado na parede da direita do gabinete. O quadrilátero do mapa girou sobre eixos bem azeitados, como uma porta, e deixou a descoberto outro mapa, que representava o território do Sunda, em ponto grande e com os mínimos detalhes topográficos, inclusive os formigueiros das *salalés*. esse mapa estava pontilhado de alfinetes com as cabeças coloridas. Em alguns locais, onde havia cidades ou vilas, o acúmulo de alfinetes era maior.

— Aqui temos o Sunda, senhor Durban — disse o Patrão. — Tenho imensos interesses financeiros na região. Cada um destes alfinetes representa um dos meus contatos regionais. Eles recebem os meus bilhetinhos por intermédio dos “pombos-correios”. Fernando Tahi, como o senhor já sabe, era um “pombo-correio”; o Tenente-Coronel Caxumbela era outro, de mais categoria, pois visitava Lisboa regularmente... Os alfinetes de cabeça preta que o senhor está a ver no mapa representam os elementos falecidos em ação; é uma espécie de homenagem que presto à sua memória... Embora sem sair de Cascais, senhor Durban, eu controlo todo o território do Sunda e exerço meu poderio financeiro sobre todo o sistema económico do lugar! Basta-me mover os cordeizinhos e os fantoches saltam logo, do outro lado do mundo... O dinheiro é muito

forte, senhor Durban... muito forte, realmente! Para dizer a verdade, *eu sou o dono de grande parte da África!*

— Já vi. Mais então, por que provocou uma revolução separatista? O senhor não é amigo do doutor Oliveira Salazar?

— Amigo e admirador, senhor Durban. Mas... amigos, amigos, negócios à parte. Um capitalista vive apenas em função do seu capital. Quanto maiores as vantagens financeiras, maior o interesse. Ora, o *royaltie* que a APERTA-SANGRA pagava ao Governo da Metrópole era exorbitante. Quarenta e nove por cento sobre o lucro da Companhia eram demais! Então, planejei livrar-me do Governo Português, ao mesmo tempo em que me livrava de meus sócios da APERTA. A idéia toda, aliás, partiu de minha esposa...

— Exato — intercalou Sandy. — Achei que era absurdo haver capital estrangeiro no Sunda, quando poderia haver apenas capital português... ou melhor, capital de meu maridinho...

O parálítico sorriu e beijou a esposa na testa que ela lhe oferecia; senti ganas de dar uma bofetada nos dois. Mas o Patrão continuou:

— Industriado por Sandy, decidi provocar uma revolução no Sunda e entregar o controle do Governo... e, conseqüentemente, o monopólio do petróleo... a um Presidente de minha confiança, com quem tivesse assinado um convênio secreto para a concessão da exploração do petróleo sem ter que pagar nenhum *royaltie*. Nenhum *royaltie*, veja bem! Vitoriosa a revolução e expulsa do Sunda a administração da APERTA-SANGRA, eu começaria tudo de novo, apenas com a SANGRA,

constituída por capital exclusivamente meu. Assinei o contrato com o Major Natanga e financeiei a revolução, contratando os mercenários de Katanga, desempregados depois da última contra-revolução de Mobutu. O Sargento Francisco Macundo foi-nos muito útil, devido às suas idéias nacionalistas. Vencemos e demos a independência ao Sunda. Tudo parecia nos sorrir. Mas houve um contratempo!

— Agora já sei — disse eu, chupando o cachimbo. — O Major Natanga, depois de empossado, denunciou o contrato com a SANGRA!

— Denunciou não é bem o termo. *Rasgou-o!* Foi uma atitude tão feia da parte dele que eu fiquei gelado de espanto! O Major Natanga queimou o nosso contrato, renegou a sua palavra, e proclamou o socialismo no Sunda! Nunca esperei essa traição, nunca! Perder o petróleo de Lochas e Tchibungo seria um golpe terrível para as Organizações Beça, pois os maiores lucros de nossa empresa são obtidos na exploração do petróleo africano!

— Foi então que o senhor criou os vampiros.

— Não, não os criei, senhor Durban; apenas comuniquei ao Vice-Presidente Cazumbuca a minha intenção de derrubar o Presidente Natanga, para não perder o controle sobre o petróleo de Lochas e Tchibungo. O Vice-Presidente Cazumbuca tinha vindo a Lisboa e foi meu hóspede por dois dias. Nenhum jornal soube disso. Com a queda do Presidente Natanga, o Vice-Presidente assumiria, tacitamente, o controle do Sunda e assinaria um novo contrato favorável à SANGRA. Foi aí que entraram em ação os pigmeus-vampiros, para desmoralizar o Governo revolucionário e matar Natanga. Mas os malditos pretos não

conseguiram alcançar o major! O chefe do Estado-Maior, Tenente-Coronel Caxumbela, estava encarregado apenas de acompanhar os acontecimentos, como observador oficial da SANGRA. Por isso, foi o próprio Vice-Presidente quem recebeu o meu bilhetinho, ordenando-lhe que matasse Natanga e. Assumisse o controle do país. Essa operação foi executada com toda a limpeza e tudo se encaminhou para um terreno favorável aos interesses da SANGRA... Todavia, a senhora Cauína Caçula tinha visto o primitivo contrato que eu firmara com o major e poderia denunciar o acordo secreto; foi por isso que ela também morreu, em vésperas de se mudar para Katanga. O senhor conhece bem o episódio, senhor Durban, pois foi envolvido nele...

— É verdade. Mais uma vez o senhor tentava se livrar de mim...

— Se eu fizesse muito empenho em livrar-me do senhor, senhor Durban, teria simplesmente mandado um bilhetinho com ordens para que o senhor fosse fuzilado... Mas não fiz nada disso.

— Falemos, agora, da ida da senhora Sandra Alves Beça ao Sunda. *Por quê?*

O paralítico voltou a sorrir, batendo meigamente nas costas da mão da esposa; Sandy continuava sentada no braço da cadeira de rodas.

— Mandeí minha própria esposa ao Sunda — explicou o banqueiro — porque tinha urgente necessidade de assinar o novo contrato com Cazumbuca e não podia me arriscar, utilizando um intermediário venal. Tenho mais confiança em Sandy do que no meu secretário, por exemplo. Se eu não fosse um pobre entrevado, preso a esta cadeira de rodas...

Mas Sandy é maravilhosa! O senhor não acha, senhor Durban?

— Acho. Sua senhora é uma garota muito boa. É uma pena que o senhor não saiba até que ponto ela é formidável.

O parálítico e M'bata soltaram gemidos afogados, mas eu fingi que não tinha ouvido.

— Suponho — volvi, tomando outro gole de uísque — que minha chegada a Lisboa tenha sido uma surpresa para o senhor. Eu ameaçava prejudicar os interesses da SANGRA, não é?

— Exato — disse o parálítico, suspirando. — Não gostei de sua interferência no caso, embora, quando o senhor chegou a Lisboa, já soubesse que Natanga tinha pedido o seu auxílio, para acabar com os vampiros. O preto Carlos Catinga, enviado especial do novo Presidente a Aloana, passou por Lisboa, como o senhor já sabe. Aqui nós o recebemos condignamente e colocamos aquele escorpião negro na sua valise... Eu supunha que o preto morresse no avião, antes de chegar ao Havaí, mas, infelizmente, isso não aconteceu. E o senhor entrou em ação, senhor Durban! Por motivos óbvios, eu tinha que tentar detê-lo!

— Mas não conseguiu.

— A culpa toda cabe a minha esposa, que se apaixonou estupidamente pelo senhor...

Com o canto do olho, vi M'bata ficar cinzenta, enclavinando as unhas no meu braço. Mas, nesse momento, fomos interrompidos pela entrada do secretário Américo da Silva. Trazia um papel na mão.

— Com licença, patrão... Mensagem urgente do Teerã.

O parálítico fez um gesto de impaciência e apanhou o papel. Leu, em silêncio, enquanto Sandy espichava o

pescoço para ler também. Depois, o banqueiro fez outro gesto (de irritação) e rodou a cadeira até à secretária. Abriu uma gaveta e tirou para fora um papelzinho. Evolou-se, da gaveta aberta, uma onda de perfume: essência de rosas. O doutor Beça pôs umas lunetas em cima ‘do nariz semítico e escreveu algumas palavras no papelzinho; depois, guardou as lunetas e entregou o bilhete ao secretário, que aguardava em atitude deferente.

— Faça isto chegar ao nosso homem no Teerã! Junte-lhe uma nota de mil libras! Rápido!

Arrisquei um olho para o papel, na mão do secretário, e li:

Neutralize Ashined el-Mac-beth e compre todas as ações disponíveis da Iranian Oil Company.

O Patrão.

Logo, o pequeno Américo da Silva dobrou a espinha e sumiu pelo reposteiro *bordeaux*. Ficamos outra vez sozinhos, como urna família feliz.

— Desculpem — sorriu o doutor Beça, voltando a rodar a cadeira até junto de mim e M’bata. — Também tenho interesse no Oriente Médio.

— Você estava dizendo — lembrou Sandy — que eu me apaixonei estupidamente pelos olhos verdes de Nocaute Durban...

— Sim, sim! — O Patrão voltou a encarar-me afavelmente. — Quando lhe pedi que levasse minha esposa-secretária em sua companhia para o Sunda, senhor Durban, esperava que o senhor fosse neutralizado o mais breve possível. Mas minha querida esposa, sedenta de romance,

apaixonou-se pelos seus olhos verdes e resolveu protelar a sua execução...

M'bata deu-me um beliscão de mau jeito, rosnando:

— Então, ela apaixonou-se por você, hem?

Encolhi-me todo, com um sorriso amarelo.

— Apenas pelos meus olhos verdes, meu bem. E meus olhos não saem aqui de dentro...

— Tentei matá-lo a bordo do helicóptero! — protestou Sandy. — Juro que tentei! Mas a noiva dele me atrapalhou, gritando, e não pude alvejá-lo na cabeça! Minha intenção era liquidar, também, Fernando Tahí, para que não falasse, pois estava na iminência de delatar o nome do Patrão! Mas sobreveio o desastre e não foi possível acabar com Durban!

— Obrigado — disse eu, sorrindo. — Bem me parecia que você tentava me assassinar!

— Mas só naquele dia — volveu a loura, lambendo os lábios salientes. — Depois, quando você se revelou tão carinhoso, resolvi poupá-lo. Lembre-se de que até intercedi por você, junto ao Governo do Sunda! eles queriam fuzilá-lo, Durban! Se você ainda está vivo, deve isso ao meu interesse pela sua saúde!

— Ainda tem alguma dúvida? — perguntou o doutor Beça, com voz suave. Agora, com a volta de Portugal ao Sunda, o tratado que Sandy assinou em meu nome com o Presidente Cazumbuca perdeu o valor, transformando-se num simples *souvenir*. Mas nem por isso perdi os poços de petróleo de Lochas e Tchibungo. De qualquer maneira, afastei a APERTA do negócio e me tornei o único concessionário do truste de petróleo! Basta-me, apenas, assinar um novo contrato de exploração com o Governo da Metrópole, na base do *royaltie* anterior, ou seja, quarenta e

nove por cento. Tudo voltará à paz de antes, sem ter havido grande prejuízo para as Organizações Beça. O que interessa, senhor Durban, é que não haja prejuízos! Em pouco tempo, recuperarei o capital despendido com as revoluções, pois o petróleo do Sunda é realmente maravilhoso... Quanto aos pretos que morreram, seu sacrifício não afetou em nada a economia angolana, nem a prosperidade crescente da SANGRA. E os pretos, afinal, nasceram para morrer... Mais alguma dúvida, senhor Durban? — insistiu, com um doce sorriso no rosto de querubim.

— Não — respondi. — Agora, já sei de tudo. *E a policia também sabe!*

— A polícia? — interrogou Sandy, alarmada. — Como é que a polícia pode saber?

Foi a minha vez de sorrir meigamente.

— Vocês pensavam que eu viria ao castelo para cair na boca do lobo... ou no viveiro dos escorpiões? Não, queridinhos! Nocaute Durban também nunca mete prego sem estopa... No Aeroporto da Portela aproveitei os poucos minutos em que fiquei a sós com aquele agente da PIDE para lhe entregar um par de óculos-rádio, sintonizados com um microemissor de ondas ultracurtas instalado neste cachimbo... Tudo quanto acabamos de discutir neste gabinete, doutor Beça, foi registrado pelo espião da PIDE!

O paralítico empalideceu. Seus olhos aguados procuraram o olhar tranqüilo da esposa. Sandy sorria, mostrando as covinhas das faces.

— O agente da PIDE a que ele se refere — disse ela — é o detetive Vidigal, outro dos nossos agentes. Vidigal trabalha para as Organizações Beça na base da “caixinha” e sempre se revelou muito leal aos seus patrões... Em todo

caso, não custa confirmar. Peça a Américo que estabeleça contato com o aeroporto.

Senti um frio na boca do estômago. Aquilo não tinha entrado nos meus círculos! Cautelosamente, desabotoei a camisa e procurei com os dedos, os bolsinhos do colete-arsenal.

— Com licença, patrão...

Era, outra vez, o pequeno secretário (com suas lunetas de ouro) surgindo por entre os reposteiros *bordeaux*. Trazia outro papel na mão.

— Sim? — fez o paralítico.

— Aqui está o relatório do agente da PIDE, excelência. Previne vossência contra o senhor Van Loon e assegura que nada transpirará, no caso de suceder algum acidente ao nosso visitante...

— Está a ver? — disse o doutor Beça, sorrindo outra vez. — O Poder Econômico é muito forte, senhor Durban... muito forte, mesmo! Nada transpirará, se o senhor cair no viveiro dos escorpiões... Que é que você acha, Sandy querida?

A inglesinha mediu-me de alto a baixo com o olhar azul. Seu lábio inferior estava mais espichado do que nunca.

— Tenho certos escrúpulos em matar este homem, Moisés... mas não podemos deixá-lo vivo. Ele sabe demais. Ficarei com a sua imagem eternamente gravada na lembrança. Ele é, na verdade, um homem delicioso!

Discretamente, o secretário voltou a sair por entre os cortinados.

— É uma pena que senhor Durban seja um espião sério e leal — continuou o homem da cadeira de rodas, devorando-me com os olhos. — Não sou ciumento e... e estaria

disposto a sacrificar-me, pela felicidade de minha mulherzinha... Se senhor Durban entrasse mim acordo secreto comigo, ainda poderíamos ser muito felizes, os três.

— Nunca! — respondi, abraçando M'bata. — Prefiro os escorpiões!

Ao mesmo tempo, com a mão esquerda, tirei disfarçadamente, de um bolsinho do colete, duas pequenas máscaras contra gases. E sussurrei, ao ouvido de minha noiva:

— *Chore!*

M'bata desfez-se em sentidas lágrimas. Comecei a chorar também, enquanto a acalmava. O doutor Beça e sua esposa olhavam para nós espantados. Então, coloquei uma das máscaras (brancas) no nariz de minha noiva e adaptei a outra ao meu próprio nariz; depois, antes que os nossos anfitriões se dessem conta da manobra, extrai duas ampolas de gás psicoquímico (inibitivo) de outro bolsinho do colete. Trata-se de uma arma do tipo CW, um gás que atua sobre o sistema nervoso, paralisando os reflexos musculares sem afetar o organismo.

— Terceiro e último ato! — anunciei, jogando as ampolas aos pés da cadeira de rodas.

O gás, invisível e inodoro, espalhou-se pelo gabinete, interrompendo o grito de alarma de Sandy. No mesmo instante, o parálítico e sua loura esposa ficaram completamente imóveis, duros como estátuas. O rosto macilento do doutor Beça caiu-lhe sobre o peito (exibindo os cabelos grisalhos cuidadosamente colados ao casco da cabeça) e o corpo maravilhoso da loura despenhou-se no assoalho, de pernas abertas. Eu e M'bata, protegidos pelo filtro das máscaras, não estávamos sentindo nada. Olhei

para as pernas brancas da inglesinha e comecei a piscar nervosamente.

— *Não!* — disse M'bata, a voz abafada pela máscara.

Respirei fundo e fiz um gesto, pedindo-lhe que me ajudasse. Retiramos o corpo flácido do doutor Beça da cadeira de rodas e eu tomei o seu lugar. Os olhos arregalados do paralítico fitavam o teto, com uma expressão de desespero, de raiva impotente. M'bata deitou-se, de bruços, entre as minhas pernas e eu a cobri com a manta escocesa. Em seguida, apertei todos os botões do braço direito da cadeira. Abriu-se o reposteiro *bordeaux* e surgiu o doutor Américo da Silva, saltitante, de beca aberta. Não teve tempo de compreender nada; o gás inibitivo atirou-o de quatro no chão, com os músculos paralisados. Em seguida, foi o mordomo que apareceu (noutra porta) com a minha *Magnum* na mão gorda e mole. Olhei para ele, tenso, na expectativa. Nossos olhares se cruzaram e ele me reconheceu.

— Vossência não é o patrão! Você é...

Ergueu a pistola apontando-a para a minha cabeça, soltou um gemido e rodou pelo assoalho, com os braços e as pernas endurecidos. Rodei a cadeira de rodas (que tocava o fado “Foi Deus”) até junto dele e recuperei a *Magnum*; em seguida, continuei a divertida viagem pelo gabinete, até encontrar a saída. Atravessei os cortinados *bordeaux* e atingi a antecâmara. Ali havia dois empregados, com duas pistolas e aventais de garçom. Pus as mãos na cabeça e procurei imitar a voz aflautada do dono do castelo:

— *Depresinha! Lá dentro!*

Os dois homens deram-me as costas e encaminharam-se para os reposteiros; foi fácil abatê-los com dois tiros.

Manobrei a cadeira através da ante-sala e atingi o *hall*. Atraído pelos tiros, o chofer (e vigia) vinha entrando no castelo, uma espingarda em punho. Voltei a cobrir o rosto com os braços.

— Que aconteceu? — perguntou Pedro Paredes. — Onde está o...?

— *Depresinha! Lá dentro!*

Mas o sujeito alto e magro reconheceu-me e ergueu a arma. Atirei um segundo antes dele, derrubando-o, e a bala da espingarda foi se incrustar no teto. Duas garçonetes e uma cozinheira saíram por uma porta, gritando como desesperadas. Atirei contra elas outra ampola de gás inibitivo e deixei-as duras, de boca aberta e olhos arregalados, estendidas nos ladrilhos do *hall*. Só então saltei da cadeira, com a *Magnum* em punho, e fiz M'bata pôr-se de pé.

— Acho que não há mais ninguém no castelo. Em todo caso, vamos dar uma espiada. Apenas aqui em cima; não me agrada entrar no viveiro dos escorpiões.

O prédio estava em silêncio, isolado no alto da colina. Não havia mais nenhum empregado do Patrão em condições de socorrê-lo. Em vista disso, dirigi a cadeira de rodas para o portão principal e deixei que ela caísse pela escadaria abaixo, rebentando-se lá embaixo. Ao dismantelar-se, o mecanismo ainda tocava (lamentosamente) o fado “Ai que saudade de Leiria”. O doutor Moisés Alves Beça devia ter nascido na Estremadura.

— Vamos embora daqui! — gritei para M'bata.

— Não estamos seguros em Lisboa!

O Cadillac preto continuava estacionado no pátio, com as chaves no painel. Entramos nele e zarpamos. Pelos meus

cálculos, os efeitos do gás psicoquímico durariam três horas e o castelo do famoso banqueiro (que não gostava de ser perturbado em seus negócios) era solitário demais para atrair a atenção dos moradores de Cascais; eu e minha noiva teríamos muito tempo para fugir. Contanto que o detetive Vidigal, agente secreto da PIDE no aeroporto, não me causasse embaraços...

EPÍLOGO

Chegamos ao aeroporto duas horas depois e saltamos do Cadillac, à procura do Fantom-13. Minha noiva tinha feito algumas compras na Baixa e isso nos atrasara um pouco. A primeira pessoa que vimos foi o detetive Vidigal. Ele veio ao nosso encontro, sorridente, com os óculos-rádio na mão.

— Seu aviãozinho está pronto, senhor Van Loon. Tudo foi feito de acordo com os seus desejos. Tome os seus óculos e vá-se embora de Portugal. É o melhor conselho que lhe posso dar.

— Mas...

— *Vá-se embora de Portugal!* — repetiu ele, entre dentes. — Só lamento que eu, na qualidade de funcionário do Governo, não possa detê-lo e mandá-lo para uma enxoval! Mas tenho que preservar o país de um escândalo, O doutor Alves Beça é uma figura nacional. Cale-se, senhor Van Loon, e desapareça daqui! Vossência só nos deu prejuízos!

Agradei a cooperação do policial e embarquei no Fantom-13, com M'bata, levantando vôo num céu azul e inocente. Às oito horas da noite daquela mesma terça-feira já estava pedindo permissão para pousar em Nova Iorque.

No Waldorf Astória, recepcionei a imprensa e li, diante das câmaras de televisão da NBC, o meu relatório sobre a revolução separatista do Sunda, desmascarando a figura singular do Patrão. Minhas declarações foram tão sensacionais que os ecos do acontecimento chegaram a Aloana antes de mim. Passei aquela noite em New York City, nos braços de M'bata, e, na manhã seguinte, fui cientificado, pelo representante de uma agência telegráfica de que o doutor Moisés Alves Beça estava morto e sua encantadora secretária procurava provar, às autoridades portuguesas, a sua qualidade de esposa, viúva e herdeira.

A morte do famoso capitalista que traiu Salazar até hoje permanece envolta em mistério. Segundo as informações oficiais do Governo Português, Sua Excelência o doutor Beça, privado de sua cadeira de rodas, caíra acidentalmente por uma janela de seu Castelo de Cascais, fraturando o crânio. Não sei se isso é verdade; o mais provável é que Sandy Deutch-Brown Alves Beça tenha voltado a si antes do marido... Mas essa é outra história.

Cheguei a Aloana às quatro e meia da tarde de quarta-feira, Dia de Pétala de Lótus, encontrando tudo em paz na minha ilha polinésia. A alegria pela minha volta foi geral. Noivas, cachorros, eunucos, todos tiraram uma casquinha de meus beijos. Até meu papagaio exultou, esvoaçando pelo alambrado da “Terra de Ninguém”:

— *Salve, salve, salve! O que me dizes? Onde se viu! Não se esqueçam do champanha do neném!*

No dia seguinte, soubemos, pelo rádio, que uma aldeia do Sunda fora invadida por mercenários brancos (sem patrão) que usavam panfletos subversivos em vez de balas e proclamavam a necessidade da união de todos os angolanos

para obterem a sua independência, sem a tutela de Moscou nem de Pequim. Sorri para mim mesmo, pensando no Sargento Macundo e sua campanha nacionalista; enquanto houver um patriota na África, haverá uma esperança de libertação.

Aliás, uma semana depois de encerrada a “Operação Vampiros”, recebi uma carta de Angola que me deu o que pensar. Dizia o seguinte:

Amigo Durban

A luta no Sunda continua. Não temos mais armas, pois as que havia gastaram-se todas, mas temos um ideal. Ganhamos na região dos Dembos, em 1872, mas fomos vencidos no Cassange, no Libolo, em Ambriz, Santo Antônio do Zaire, Duque de Bragança, Bange-Angela, Pocolo, Quizau, Lunge, Mateca, Linga, Lunda, Malange, Moxico, Cuamato, Pemba, Quissenga etc. Defendemos a integração racial, mas queremos a independência! Perdemos também no Sunda, mas não desistiremos! Amanhã, ou depois, estaremos tentando de novo, noutra colônia. Por motivos óbvios, não lhe direi onde. Mas, desta vez, não usaremos mercenários estrangeiros. Seremos apenas nós, angolanos, integrados no ideal da liberdade, em busca de nossa autodeterminação. Não fazemos esta guerra pelo simples prazer de lutar; há um motivo muito sério para a nossa revolta: é a certeza de que estamos sendo roubados em nossa própria casa!

O Governo Português, pressionado pelo clamor do mundo civilizado, adotou o termo “integração” à sua política neocolonialista. Com esta política racial,

os brancos portugueses se tornaram angolanos, mas os negros angolanos nunca se tornarão cem por cento portugueses. O senhor sabia, amigo Durban, que a Metrópole importa o algodão e o linho de Angola por preços abaixo do mercado mundial e, depois de transformá-los em tecidos (ordinários) revende-os à própria Angola por preços exorbitantes? Portugal compra por um, beneficia por cinco e revende por dez. E recebe os créditos das exportações das colônias em dólares, reembolsando-as em escudos angolanos, depois de uma dupla conversão dólar, o escudo português — escudo português, escudo angolano.

O Governo de Salazar controla o câmbio, as importações, as exportações e os preços. Por isso, Angola está sempre devendo à Metrópole; sua dívida pública, no ano passado, foi de 23 milhões de dólares! Ainda agora, fala-se numa nova lei de proteção ao colono branco, prejudicado pela má vontade do trabalhador negro. Preto, em Angola, só vai para frente quando dá topada. Mas essas injustiças nos aludam. E nossa luta continua, em busca da Redenção. A África ainda será dos africanos! “Mungu mba wunguriná ‘ngola uondo biluka”!

*Um grande abraço do
Sargento Francisco Macundo.*

Depois de ler esta carta, eu e minhas noivas ficamos na dúvida. Quais serão os verdadeiros vampiros de Angola?

